

CONCEITO ATUAL E NOMENCLATURA REVISTA
DAS AVES ALISTADAS NO "CATALOGO"
DE E. SNETHLAGE

POR

OLIVÉRIO PINTO

Atende este modesto trabalho a amável convite do Museu Paraense que, zelando pela distinta posição outrora conquistada entre as instituições similares de nosso país, volta em boa hora à publicação de seu antigo e conceituado Boletim.

Publicado há mais de seis lustros, o "Catalogo das Aves Amazonicas" da Dra. E. SNETHLAGE achá-se hoje de tal modo antiquado, que refundi-lo e atualizá-lo dentro do mesmo espírito seria realizar obra inteiramente nova. Empresa essa de grande envergadura, pois que haverá na Zoologia sistemática poucos campos mais trabalhados nestes últimos decênios do que a ornitologia amazônica, graças às imensas coleções acumuladas nos museus, como fruto da intensiva e persistente exploração levada a efeito por um sem número de colecionadores competentes. Não esteve em nossas intenções tão ambicioso projeto, já porque nos faltasse para tanto adequado material, já porque provavelmente não contaríamos presentemente com o tempo necessário para levá-lo a bom termo.

Entretanto, visto como, apesar das suas imperfeições, não apareceu depois do "Catalogo" de SNETHLAGE nenhum livro capaz de substituí-lo, e atento o grande interesse adquirido ultimamente por todos os assuntos referentes à Hiléia, imaginamos trabalho útil submetê-lo a cuidadosa revisão, retificando-lhe a nomenclatura científica muitas vezes obsoleta, e procurando orientar, tanto quanto possível, o estudioso no caminho das fontes em que poderá devidamente informar-se sobre os progressos realizados na matéria.

Quase todos os nomes do "Catalogo" se aplicam a espécies no sentido lineano, pelo que se compõem apenas de dois vocábulos, de acordo com o sistema inaugurado há dois séculos pelo grande naturalista sueco. Nos casos em que a autora não registra exemplares, nem refere localidades, houvermos de nos cingir à atualização do nome, sem fazer qualquer referência às variedades geográficas hoje admitidas na espécie respectiva; naqueles porém em que o "Catalogo" menciona espécimes, foi necessário distribuir estes últimos pelas subespécies ou raças geográficas a que devem pertencer, empregando para isso as apelações trinominais de uso geral entre os ornitologistas. Tenha-se portanto em mente, por mais ociosa que possa a advertência aparecer aos conhecedores do ramo, que estas apelações se aplicam restritivamente a uma parte apenas das populações da espécie binominalmente consignada no "Catalogo", isto é, à raça geográfica a que se devem referir os exemplares registrados no dito. Para as raças cujo nome se passa assim sob silêncio, útil será recorrer às obras gerais, como o "Catálogo das Aves do Brasil" publicado pelo Autor, o "Catalogue of Birds of the Americas" começado por C. B. CORY e continuado por C. E. HELLMAYR, ou a "Check-list of the Birds of the World" de J. LEE PETERS, do qual todavia só vieram a lume até aqui os cinco primeiros volumes.

No que se refere em particular à avifauna paraense, é especialmente prestada a valiosa contribuição que sob o título "Birds of Lower Amazonia", publicaram em 1941 GRISCOM & GREENWAY, no Vol. 58 do Bulletin of the Museum of Comparative Zoology (Harvard College).

Para maior facilidade de confronto conservaram-se os nomes do "Catalogo" em negrito, reservando o grifo para os nomes atuais.

As famílias cujo nome não pode prevalecer por força das regras da Nomenclatura têm a sua nova denominação entre parênteses.

Quando erro tipográfico, ou lapso aparente da autora, motivaram a alteração da grafia de algum nome, isso é assinalado na presente revisão pela anteposição de um asterisco ao nome corrigido.

Ordem I. TINAMIFORMES
Família TINAMIDAE

Tinamus tao Temm.

Tinamus tao tao Temminck

Tinamus serratus Spix

Tinamus major serratus Spix (Rio Negro)

Tinamus major olivascens Conover (Rio Madeira)

* **Tinamus major** (Gm.)

? *Tinamus major major* (Gmelin) (Brasil... septentrional)

? *Tinamus major olivascens* Conover (Brasil central)

Tinamus subcristatus (Cab.)

Tinamus major major (Gmelin)

Tinamus ruficeps Scl. et Salv.

Tinamus major olivascens Conover

Tinamus guttatus Pelz.

Crypturus cinereus (Gm.)

Crypturellus cinereus cinereus (Gmelin) (Monte Alegre)

Crypturellus cinereus rufescens Todd (Rio Purus)¹

Crypturus griseiventris Salvad.

Crypturellus obsoletus griseiventris (Salvadori)

Crypturus soui (Herm.)

Crypturellus soui soui (Hermann) (Rio Jamundá, Obidos)

Crypturellus soui albigularis (Brabourne & Chubb) (Maguari,
Rio Guamá, Rio Capim, Rio Tapajós)²

Crypturus parvirostris Wagler

Crypturellus parvirostris (Wagler)³

Crypturus adspersus (Temm.)

Crypturellus undulatus adspersus (Temminck) (Rio Tapajós)

Crypturellus undulatus simplex (Salvadori)⁴ (Rio Maecuru)

(1) As aves da região de Belém (Benevides) constituiriam segundo Todd (Annals Carnegie Museum, XXIX, 1942, Art. 1, p. 10) uma terceira raça.

(2) Hellmayr, C. E. & Conover, B. (Catal. Birds of the Americas, em Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser. XIII), pte. I, N.º 1, 1942) concluíram pela inseparabilidade de *Crypturellus soui decolor* Griscom & Greenway, 1937 (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXI, p. 417), cujo tipo é de Pinhi na marg. direita do Tapajós. Também não me parecem ainda definitivamente assentadas as relações entre *Cr. soui albigularis* e a forma típica da espécie. Cf. Pinto, Arquivos de Zoologia, IV, 1947, pág. 315.

(3) Sobre as variações nesta espécie cf. Pinto, op. cit. pág. 316.

(4) Considerado inseparável de *C. u. adspersus* por Griscom & Greenway (Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 100).

- Crypturus yapura** (Spix)
Crypturellus undulatus adpersus (Temm.)⁴
- Crypturus strigulosus** (Temm.)
Crypturellus noctivagus strigulosus (Temminck)⁵
- Crypturus erythropus** (Pelz.)
Crypturellus noctivagus erythropus (Pelzeln)
- Crypturus variegatus** (Gm.)
Crypturellus variegatus variegatus (Gmelin)⁶
- Crypturus brevirostris** (Pelz.)
Crypturellus brevirostris brevirostris (Pelzeln)
- Crypturus bartletti** Sclat. et Salv.
Crypturellus brevirostris bartletti (Sclater & Salvin)
- Rhynchotus rufescens catinae** Reiser

Ordem II. GALLIFORMES

Família CRACIDAE

- Crax alector** L.⁷
- Crax fasciolata** Spix
Crax fasciolata pinima Pelzeln
- Crax globulosa** Spix
- Nothocrax urumutum** (Spix)
- Mitua mitu** (L.)
Mitua mitu (Linnaeus)
- Mitua tomentosa** (Spix)
Mitua tomentosa (Spix)
- Penelope superciliaris** Temm.
Penelope superciliaris superciliaris Temminck
- Penelope marail** Gm.

(5) Tratado como espécie autônoma por Hellmayr & Conover (op. cit., p. 63).

(6) Griscom & Greenway (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 101) referem as populações da margem direita do baixo Amazonas a *C. variegatus transamazonicus* Todd, 1937 (Proc. Biol. Soc. Wash., L, p. 176), cujo tipo é de Santarem.

(7) *Crax nigra* Linn., 1758 (Syst. Nat., 10 ed., I, p. 157) é frequentemente considerado nome válido para esta espécie. Cf. Todd, Proc. Biol. Soc. Wash., XLV, p. 109 (1932); Peters, Check-List Bds. of the World, II, p. 10 (1934); Hellmayr & Conover, op. cit., p. 120, nota 1 (1942).

Penelope boliviana Bonap.*Penelope jacúacu boliviana* Bonaparte**Penelope pileata** Wagl.**Penelope iacucaca** Spix? *Penelope iacucaca* Spix**Ortalis motmot** (L.)*Ortalis motmot motmot* (Linn.)**Ortalis aracuan** (Spix)*Ortalis superciliaris* (G. R. Gray)⁸**Ortalis guttata** (Spix)*Ortalis guttata guttata* (Spix)**Pipile cumanensis** (Jacquin)? *Pipile cumanensis cumanensis* (Jacquin)⁹**Pipile kujubi** (Pelz.)*Pipile pipile kujubi* (Pelzeln)

Família ODONTOPHORIDAE

Eupsychortyx sonnini (Temm.)*Colinus cristatus sonnini* (Temminck)**Odontophorus guianensis** (Gm.)*Odontophorus gujanensis gujanensis* (Gmelin)**Odontophorus marmoratus** (Gould)*Odontophorus gujanensis gujanensis* (Gmelin)**Odontophorus stellatus** (Gould)

Ordem III. COLUMBIFORMES

Família COLUMBIDAE

Columba speciosa Gm.**Columba rufina** Temm.*Columba cayennensis cayennensis* Bonnaterre (Marajó, Mexiana, Rio Jamundá)

(8) Pelo exame direto do tipo, verificou Hellmayr (cf. Hellmayr & Conover, op. cit., pág. 161, nota 2) que *Ortalida superciliaris* Gray deve tomar o lugar de *Ortalis spixi* Hellmayr. A inclusão, na citada obra, de *O. spixi* na sinonímia de *O. guttata aracuan* (Spix), só se pode atribuir a inadvertência ou lapso de revisão.

(9) Não há certeza sobre si as aves da margem meridional do baxo Amazonas pertencem à raça típica da espécie ou a *P. c. nattereri* Reichenb.

Columba cayennensis sylvestris Vieillot (Rio Tapajós, Rio Tocantins, Benevides)

Columba purpureotincta Ridg.

Columba subvinacea purpureotincta Ridgway¹⁰

Columba plumbea pallescens Sneathl.

Columba plumbea pallescens Sneathlage (Rio Purus)

Columba plumbea wallacei Chubb (Rio Jamauchim)

Familia PERISTERIDAE

Zenaida iessieae Ridg.

*Zenaidura*¹¹ *auriculata iessieae* (Ridgway)

Zenaida iessieae conspec. nov.

Zenaidura auriculata marajoensis (Berlepsch)

Scardafella squamosa (Temm. et Knip).

Scardafella squammata squammata (Lesson)

Columbula picui (Temm.)

Columbina picui picui (Temminck)

Columbigallina passerina griseola (Spix)

Columbigallina minuta (L.)

Columbigallina minuta minuta (Linn.)

Columbigallina talpacoti (Temm. & Knip)

Columbigallina talpacoti talpacoti (Temm. & Knip)

Uropelia campestris (Spix)

Claravis pretiosa (Ferrari-Perez)

Leptoptila verreauxi Bp.

Leptotila verreauxi brasiliensis (Bonaparte)¹²

Leptoptila rufaxilla (Rich. & Bern.)

Leptotila rufaxilla rufaxilla (Richard & Bernard)

Geotrygon violacea (Temm. & Knip)

Oreopeleia violacea violacea (Temm. & Knip)

Geotrygon montana (L.)

Oreopeleia montana montana (Linnaeus)

(¹⁰) Griscom & Greenway (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 135) identificam *Columba purpureotincta* de Sneathlage com *C. subvinacea recondita* Todd, raça que Hellmayr & Conover (op. cit., p. 465) excluem da porção da margem direita do baixo Amazonas, situada a leste do Tapajós.

(¹¹) Cf. J. L. Peters, Check-List Bds. World, III, p. 83 (1937).

(¹²) Griscom & Greenway (op. cit., p. 138) referem as aves do baixo Amazonas a *L. v. approximans* Cory, cujo tipo é da Serra de Baturité.

Ordem IV. OPISTHOCOMIFORMES

Família OPISTHOCOMIDAE

Opisthocomus hoazin (Müll.)

Ordem V. RALLIFORMES

Família RALLIDAE

Rallus longirostris crassirostris Lawr.

? *Rallus longirostris longirostris* Boddaert¹³

Limnopardalus maculatus (Bodd.)

Pardirallus maculatus maculatus (Boddaert)

Aramides cajanea (Müll.)

Aramides cajanea cajanea (Boddaert)

Anurolimnas hauxwelli (Scl. & Salv.)

Laterallus fasciatus (Sclater & Salvin)

Porzana flaviventris (Bodd.)

Porzana flaviventer flaviventer (Boddaert)

Porzana albicollis (Vieill.)

Porzana albicollis albicollis (Vieillot)

Creciscus exilis (Temm.)

Laterallus exilis exilis (Temminck)

Creciscus melanophaeus (Vieill.)

Laterallus melanophaeus lateralis (Licht.)

Creciscus viridis (Müll.)

Laterallus viridis viridis (P. L. S. Müller)

Gallinula galeata (Licht.)

Gallinula chloropus galeata (Lichtenstein)

Porphyriola martinica (L.)

Porphyriola martinica (Linn.)

Porphyriola parva (Bodd.)

Porphyriola parva (Boddaert)

Família HELIORNITHIDAE

Heliornis fulica (Bodd.)

(13) É muito provável que as aves da baixa Amazônia e Ilha Marajó, pertençam a *Rallus longirostris longirostris* Boddaert, cujo tipo é de Cayenne.

Ordem VI. PODICIPEDIFORMES
Família PODICIPEDIDAE

- Podiceps brachyrhynchus** (Chapm.)
Poliocephalus dominicus speciosus (Arribalzaga)
Aechmophorus major (Bodd.)

Ordem VII. PROCELLARIIFORMES
Família PROCELLARIIDAE

- Oceanodroma castro** (Harc.)
Oceanodroma castro castro (Harcourt)

Ordem VIII. LARIFORMES
Família LARIDAE

- Phaetusa magnirostris** (Licht.)
Phaëtusa simplex simplex (Gmelin)
Gelochelidon anglica (Mont.)
Gelochelidon nilotica gronvoldi Mathews
Sterna maxima Bodd.
Thalasseus maximus maximus (Boddaert)
Sterna antillarum (Lesson)
Sterna albifrons antillarum (Lesson)
Sterna superciliaris Vieillot
Rhynchops nigra cinerascens Spix
Larus atricilla L.
Larus cirrhocephalus Vieill.
Larus cirrhocephalus cirrhocephalus Vieillot

Ordem IX. CHARADRIIFORMES
Família CHARADRIIDAE

- Arenaria interpres** (L.)
Arenaria interpres morinella (Linnaeus)
Haematopus palliatus Temm.
Haematopus ostralegus palliatus (Temminck)
Hoploxypterus cayanus (Lath.)

- Belonopterus cayennensis** (Gm.)
Belonopterus chilensis cayennensis (Gmelin)¹⁴
- Charadrius dominicus** (Müll.)
Pluvialis dominica dominica (P. L. S. Müller)
- Ochthodromus wilsonia** (Ord.)
Charadrius wilsonia wilsonia Ord.
- Aegialeus semipalmatus** (Bp.)
Charadrius semipalmatus Bonaparte
- Aegialitis collaris** (Vieill.)
Charadrius collaris Vieillot
- Himantopus mexicanus** (Müll.)
Himantopus mexicanus mexicanus (P. L. S. Müller)¹⁵
- Numenius hudsonicus** Lath.
Numenius phaeopus hudsonicus Latham
- Numenius borealis** (Forster)
- Macrorhamphus griseus** (Gm.)
Limnodromus griseus griseus (Gmelin)
- Micropalama himantopus** (Bp.)
- Totanus melanoleucus** (Gm.)
Tringa melanoleuca (Gmelin)
- Totanus flavipes** (Gm.)
Tringa flavipes (Gmelin)
- Helodromas solitarius** (Wils.)
Tringa solitaria solitaria Wilson
- Tringoides macularia** (L.)
Actitis macularia (Linnaeus)
- Bartramia longicauda** (Bechstein)
- Ereunetes pusillus** (L.)
- Tringites subruficollis** (Vieill.)
Tringites subruficollis (Vieillot)
- Calidris alba** (Pall.)
Crocethia alba (Pallas)

(14) P. Brodtkorb (Occas. Papers Mus. Zool., Univ. Michigan, N.º 293, jun. 1934) verificou o caráter intermediário das populações paraenses de *B. chilensis*. Sobre o assunto aduzi allures (Arq. de Zool., IV, p. 330) algumas observações e comentários.

(15) Sobre as dificuldades de identificação dos exemplares do baixo Amazonas já tive a ocasião de externar-me em trabalho recente (Arquiv. de Zool., IV, 1947, pgs. 333-335).

- Pisobia minutilla** (Vieill.)
Erolia minutilla (Vieillot)
- Pisobia maculata** (Vieill.)
Erolia melanotos (Vieillot)
- Pisobia fuscicollis** (Vieill.)
Erolia fuscicollis (Vieillot)
- Gallinago brasiliensis** (Swains.)
Capella paraguaiae paraguaiae (Vieillot)
- Gallinago delicata** (Ord.)
Capella delicata (Ord.)

Familia PARRIDAE (= JACANIDAE)

- Parra iacana** L.
Jacana spinosa iacana (Linnaeus)
- Parra melanopygia** Scl.
Jacana spinosa melanopygia (Sclater)

Familia OEDICNEMIDAE

- Oedicnemus bistratus** Pelz.
Burhinus bistratus vocifer (L'Herminier)

Ordem X. GRUIFORMES

Familia ARAMIDAE

- Aramus scolopaceus** (Gm.)
Aramus scolopaceus scolopaceus (Gmelin)

Familia EURYPYGIDAE

- Eurypyga helias** (Pall.)
Eurypyga helias helias (Pallas)

Familia PSOPHIIDAE

- Psophia crepitans** L.
Psophia crepitans crepitans Linnaeus
- Psophia napensis** Scl. & Salv.
Psophia crepitans napensis Sclater & Salvin
- Psophia leucoptera** Spix
Psophia leucoptera leucoptera Spix

Psophia ochroptera Pelz.*Psophia leucoptera ochroptera* Pelzeln**Psophia obscura** Pelz.*Psophia viridis obscura* Pelzeln**Psophia viridis** Spix*Psophia viridis viridis* Spix

Ordem XI. ARDEIFORMES

Família IBIDIDAE (= THRESKIORNITHIDAE)

Theristicus caudatus (Bodd.)*Theristicus caudatus caudatus* (Boddaert)**Harpiprion cayennensis** (Gm.)*Mesembrinibis cayennensis* (Gmelin)**Phimosus infuscatus** (Licht.)*Phimosus infuscatus nudifrons* (Spix)**Cercibis oxycerca** (Spix)**Eudocimus albus** (L.)¹⁶**Eudocimus ruber** (L.)*Guara rubra* (Linn.)

Família PLATALEIDÆ

Ajaja ajaja (L.)*Ajaja ajaja* (Linn.)

Família CICONIIDAE

Tantalus loculator L.¹⁷*Mycteria americana* Linn.**Euxenura maguari** (Gm.)*Euxenura galeata* (Molina)**Jabiru americanus** (L.)*Jabiru mycteria* (Lichtenstein)

Família ARDEIDAE

Ardea cocoi L.

(16) Não há registro da ocorrência desta espécie norte-americana no Brasil.

(17) Sobre a nomenclatura dos jabirus vide Marcgrave, História Natural do Brasil (S. Paulo, 1942). Comentários, págs. LXVIII a LXIX.

- Herodias egretta** (Wils.)
Casmerodius albus egretta (Gmelin)
- Florida caerulea** (L.)
- Leucophoyx candidissima** (Gm.)
Leucophoyx thula thula (Molina)
- Hydranassa tricolor** (Müll.)
Hydranassa tricolor tricolor (P. L. S. Müller)
- Agamia agami** (Gm.)
- Nycticorax nycticorax naevius** (Bodd.)
Nycticorax nycticorax hoactli (Gmelin)
- Nyctanassa violacea** (L.)
Nyctanassa violacea cayennensis (Gmelin)
- Crancroma cochlearia** L.
Cochlearius cochlearius cochlearius (Linn.)
- Pilerodius pileatus** (Bodd.)
Pilherodius pileatus (Bodd.)
- Butorides striata** (L.)
Butorides striatus striatus (Linn.)
- Tigrisoma lineatum** (Bodd.)
Tigrisoma lineatum lineatum (Boddaert)
- Ardetta erythromelas** (Vieill.)
Ixobrychus exilis erythromelas (Vieillot)
- Zebrilus pumilus** (Bodd.)
Zebrilus undulatus (Gmelin)

Ordem XII. PALAMEDEIFORMES
(= ANHIMIFORMES)

Família PALAMEDEIDAE (= ANHIMIDAE)

- Palamedea cornuta** L.
Anhima cornuta (Linn.)

Ordem XIII. PHOENICOPTERIFORMES
Família PHOENICOPTERIDAE

- Phenicopterus ruber** L.
Phoenicopterus ruber ruber Linn.

Ordem XIV. ANSERIFORMES

Família ANATIDAE

Cairina moschata (L.)

Sarcidiornis sylvicola Ihering
Sarkidiornis sylvicola Ihering

Dendrocygna viduata (L.)

Dendrocygna bicolor (Vieill.)
Dendrocygna bicolor bicolor (Vieillot)

Dendrocygna discolor Scl. & Salv.
Dendrocygna autumnalis discolor Sclater & Salvin

Alopochen jubatus (Spix)
Neochen jubata (Spix)

Nettion brasiliense (Gm.)
Anas brasiliensis Gmelin

Poecilonetta bahamensis (L.)
Anas bahamensis Linnaeus

Nomonyx dominicus (L.)

Ordem XV. PELECANIFORMES

Família PHALACROCORACIDAE

Phalacrocorax vigua (Vieill.)
Phalacrocorax olivaceus olivaceus (Humboldt)

Família PLOTIDAE (= ANHINGIDAE)

Plotus aninga L.
Aninga aninga aninga (Linn.)

Família PELECANIDAE

Pelecanus fuscus Gm.
Pelecanus occidentalis occidentalis (Linn.)

Ordem XVI. CATHARTIDIFORMES

Família CATHARTIDAE

Gypagus papa (L.)
Sarcorhamphus papa (Linn.)

Catharista atratus brasiliensis (Bp.)

Coragyps atratus foetens (Licht.)¹⁸

Cathartes urubutinga Pelz.

Cathartes urubitinga Pelzeln

Cathartes aura pernigra (Sharpe)

Cathartes aura ruficollis Spix

Ordem XVII. ACCIPITRIFORMES

Familia FALCONIDAE

Polyborus tharus (Mol.)

Polyborus plancus brasiliensis (Gmelin)

Ibycter ater (Vieill.)

Daptrius ater Vieillot

Ibycter americanus (Bodd.)

Daptrius americanus americanus (Boddaert)

Milvago chimachima (Vieill.)

Milvago chimachima chimachima (Vieillot)¹⁹

Circus buffoni (Gm.)

Micrastur brachypterus (Temm.)

Micrastur semitorquatus semitorquatus (Vieillot)²⁰

Micrastur mirandollei (Schl.)

Micrastur mirandollei mirandollei (Schlegel)

Micrastur ruficollis (Vieill.)

? *Micrastur ruficollis ruficollis* (Vieillot)²¹

Micrastur gilvicollis (Vieill.)

Micrastur gilvicollis gilvicollis (Vieillot)

(¹⁸) P. Brodkorb (Michigan Acad. Sci. Arts and Letters, XXIX, 1944, p. 115 e ss.) reduz *Cathartes foetens* Licht. a sinônimo de *C. atratus* (Bechstein), reivindicando para a raça brasileira o nome dado por Bonaparte.

(¹⁹) Griscom & Greenway referem alguns exemplares da região de Obidos a *M. c. palludivagus* Penard, 1923 (Proc. New Engl. Zool. Cl., VIII, p. 36) cujo tipo é de Paramaribo.

(²⁰) Wetmore (Bull. 133 Un. St. Nat. Mus., p. 99, 1926) parece ter posto ponto final à longa discussão em que andou envolvida a nomenclatura desta espécie.

(²¹) Em trabalho dado recentemente a lume (cf. Arq. de Zool., IV, págs. 322-328) foram por mim longamente discutidas as relações entre *M. gilvicollis* Vieill. e *M. ruficollis* Vieill., cujo tipo se admite ser do Rio de Janeiro. Até hoje não tenho conhecimento de nenhum exemplar amazônico com a "garganta vermelha clara", como descreve Sneathlage.

- Geranospiza caerulescens** (Vieill.)
Geranospiza caerulescens caerulescens (Vieillot)
- Parabuteo unicinctus** (Temm.)²²
Parabuteo unicinctus unicinctus (Temm.)
- Astur pectoralis** Bp.
Accipiter pectoralis (Bonaparte)
- Accipiter tinus** (Lath.)
Accipiter superciliosus superciliosus (Linnaeus)²³
- Accipiter bicolor** (Vieill.)
Accipiter bicolor bicolor (Vieillot)
- Heterospizias meridionalis** (Lath.)
Heterospizias meridionalis meridionalis (Latham)
- Tachytriorchis albicaudatus** (Vieill.)
Buteo albicaudatus albicaudatus Vieillot²⁴
- Tachytriorchis abbreviatus** (Cab.)
Buteo albonotatus abbreviatus Cabanis
- Tachytriorchis hyospodius** (Gurn.)
? *Buteo albicaudatus hyospodius* Gurney²⁵
- Buteo latissimus** (Vils.)
Buteo platypterus platypterus (Vieillot)
- Buteola brachyura** (Vieillot)
Buteo brachyurus Vieillot
- Asturina nitida** (Lath.)
*Asturina*²⁶ *nitida nitida* (Latham)
- Rupornis magnirostris** (Gm.)
Buteo magnirostris magnirostris (Gmelin)
- Busarellus nigricollis** (Lath.)
Busarellus nigricollis nigricollis (Latham)

(22) A raça típica da espécie existe sabidamente na Venezuela e Guianas; mas, ao que parece, não há notícia autêntica de sua ocorrência na Amazônia brasileira.

(23) Cf. Hellmayr, Novit. Zoologicae (Trining Mus.), XVII, 1910, p. 410-11 (nomencl.).

(24) Como migratórias que são, ocorreria também na I. de Marajó a outra raça *B. a. colonus* Berlepsch. Cf. Griscom & Greenway, Bull. Mus. Compar. Zool. LXXXVIII, p. 112.

(25) O exemplar de Marajó referido por Snethlage pertence provavelmente a *B. a. albicaudatus* Vieillot.

(26) Como *Rupornis* Kaup, o gênero *Asturina*-Vieillot dificilmente merece ser separado de *Buteo* Cuv. Cf. Van Rossem, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXVII, 1934, p. 429.

- Buteogallus aequinoctialis** (Gm.)
- Urubitinga urubitinga** (Gm.)
Hypomorphnus urubitinga urubitinga (Gmelin)
- Urubitinga schistacea** (Sundev.)
Leucopternis schistacea (Sundevall)
- Leucopternis albicollis** (Lath.)
Leucopternis albicollis albicollis (Latham)
- Leucopternis superciliaris** Pelz.
Leucopternis kuhli Bonap.²⁷
- Leucopternis melanops** (Lath.)
- Morphnus guianensis** (Daud.)
- Thrasaetus harpyia** (L.)
Harpia harpyja (Linn.)
- Spizaetus tyrannus** (Wied)
- Spizaetus ornatus** (Daudin)
- Herpetotheres cachinnans** (L.)
Herpetotheres cachinnans cachinnans (Linn.)
- Elanoides forficatus** (L.)
Elanoides forficatus yetapa (Vieillot)
- * **Rostrhamus hamatus** (Temm.)
Helicolestes hamatus (Temminck)
- * **Rostrhamus leucopygus** (Spix)
Rostrhamus sociabilis sociabilis (Vieillot)
- Leptodon uncinatus** (Temm.)
Chondrohierax uncinatus (Temminck)
- Leptodon palliatus** (Temm.)
Odontriorchis palliatus (Temminck)
- Elanus leucurus** (Vieill.)
Elanus leucurus leucurus (Vieillot)
- * **Gampsonyx swainsonii** Vig.
Gampsonyx swainsonii swainsonii Vigors²⁸
- Harpagus diodon** (Temm.)

(²⁷) V. Hellmayr, Novit. Zool., XIII, 1906, p. 382-3 (nomencl.).

(²⁸) As aves amazônicas ocupam aparentemente posição intermediária entre a forma típica este-brasileira e *G. swainsonii leonae* Chubb, da América Central e Guianas. Cf. Griscom & Greenway, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 117 (1941).

- Harpagus bidentatus** (Lath.)
Harpagus bidentatus bidentatus (Latham)
- Ictinia plumbea** (Gm.)
- Falco perigrinus anatum** Bp.
- Falco fuscocaerulescens** Vieill.
Falco fuscocaerulescens fuscocaerulescens Vieillot
- Falco rufigularis** Daud.
Falco albigularis albigularis Daudin ²⁹
- Falco aurantius** Gm.
Falco deiroleucus Temminck ³⁰
- Pandion haliaëtus** (L.)
Pandion haliaëtus carolinensis (Gmelin)

Ordem XVIII. STRIGIFORMES
 Família BUBONIDAE

- Asio stygius** (Wagl.)
Asio stygius stygius (Wagler)
- Bubo magellanicus** Gm.
Bubo virginianus deserti Reiser ³¹
- Pulsatrix perspicillata** (Lath.)
Pulsatrix perspicillata perspicillata (Latham)
- Pisorhina watsonii** (Cass.)
Otus watsonii watsonii (Cassin) ³²
- Pisorhina choliba crucigera** (Spix)
Otus choliba crucigerus (Spix)
- Pisorhina usta** (Scl.)
Otus watsonii ustus (Sclater)
- Lophotrix cristata** (Daud.)
Lophotrix cristata cristata (Daudin)
- Ciccaba superciliaris** (Pelz.)
Ciccaba virgata superciliaris (Pelzeln)

(²⁹) A despeito das dúvidas suscitadas por Hellmayr (Field Mus., Zool. Ser., XIII, 1929, p. 455), a generalidade dos autores vê em *Falco albigularis* Daudin um nome mais antigo para *Falco rufigularis* Daudin.

(³⁰) Cf. Hellmayr, op. cit., p. 455, nota 3 (nomencl.).

(³¹) Cf. Pinto, Arquiv. de Zool., IV, pág. 352 (1947).

(³²) É posta em dúvida a ocorrência no Brasil da forma típica de *O. watsonii*; os exemplares amazônicos corresponderiam a *O. w. ustus* (Scl.), salvo, talvez, os da região adjacente ao Equador e Peru.

Ciccaba huhula (Daud.)

Glaucidium brasilianum phalaenoides (Daud.)³³

Família STRIGIDAE (= TYTONIDAE)

* **Strix flammea perlata** Licht.

Tyto alba hellmayri Griscom & Greenway

Ordem XIX. PSITTACIFORMES

Família PSITTACIDAE

Anodorhynchus hyacinthinus (Lath.)

Anodorhynchus hyacinthinus hyacinthinus (Latham)³⁴

Ara ararauna (Linn.)

Ara macao (Linn.)

Ara chloroptera Gray

Ara severa (Linn.)

Ara maracana (Vieillot)

Ara couloni Scl.³⁵

Ara manilata (Bodd.)

Ara nobilis (Linn.)

Ara nobilis cumanensis (Licht.)

Ara hahni (Souancé)

Ara nobilis nobilis (Linn.)³⁶

Conurus guarouba (Gm.)

Aratinga guarouba (Gmelin)

Conurus solstitialis (Linn.)

Aratinga solstitialis (Linn.)

* **Conurus weddellii** Dev.

Aratinga weddellii Deville

(33) Não há ainda certeza no tocante à raça das aves paraenses, podendo acontecer que pertençam antes à forma típica da espécie.

(34) Um único ♂ de Caxiricatuba não permite apreciar as diferenças raciais assinaladas por Griscom & Greenway (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 139) entre as aves do baixo Amazonas (Tauari, Rio Tapajós) e as de Mato-Grosso, que propõe chamar *A. h. maximiliani* Spix.

(35) Não notificada no Brasil.

(36) C. Hellmayr, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 439, nota 1 (1939).

- Conurus leucophthalmus** (Müller)
Aratinga leucophthalma leucophthalma P. L. S. Müller
- Conurus callogenys** Salvad.
Aratinga leucophthalma callogenys (Salvadori)³⁷
- Conurus aureus** (Gm.)
Aratinga aurea aurea (Gmelin)
- Conurus aeruginosus** (Linn.)
Aratinga pertinax aeruginosa (Linn.)
- Pyrrhura picta amazonum** Hellm.
- Pyrrhura picta** consp. nov.
Pyrrhura picta amazonum Hellmayr
- * **Pyrrhura picta lucianii** (Dev.)
- Pyrrhura melanura** (Spix)
Pyrrhura melanura melanura (Spix)
- Pyrrhura souancei** (Verr.)
Pyrrhura melanura souancei (Verreaux)³⁸
- Pyrrhura berlepschi** Salvadori³⁹
- Pyrrhura perlata** (Spix)
Pyrrhura perlata lepida (Wagler)⁴⁰
- Pyrrhura rhodogaster** (Scl.)
- Psittacula modesta** Caban.
Forpus sclateri eidos Peters⁴¹
- Psittacula crassirostris** Tacz.
Forpus passerinus crassirostris (Taczanowski)
- Psittacula deliciosa** Ridg.
Forpus passerinus deliciosus (Ridgway)
- Psittacula guianensis cyanochlora** Hartl.
Forpus passerinus cyanochlorus (Hartl.)
- Brotogerys virescens** (Gm.)
Brotogerys versicolorus versicolorus (P. L. S. Müller)

(37) Provavelmente estranha à Amazônia brasileira.

(38) Não tem sido encontrada fora do leste do Equador, sua pátria típica.

(39) Estranha à Amazônia brasileira.

(40) *Sittace lepida* Wagler, 1832, é tido hoje como nome inaproveitável para a raça este-paraense, que assim reclamaria denominação nova. Cf. Peters, Check-List Bds. World, III, p. 195.

(41) Pára ainda grande incerteza sobre a identidade das aves do Rio Ja-mauchim mencionadas por Mme. Snethlage. Cf. Griscom & Greenway, 1941, op. cit., p. 143; Pinto, 1945, Rev. Arg. Zool., IV, p. 14.

- Brotogerys devillei** (Gray)
Brotogerys devillei (Gray)⁴²
- Brotogerys tuipara** (Gm.)
Brotogerys chrysopterus tuipara (Gmelin)⁴³
- Brotogerys chrysopterus** (L.)
Brotogerys chrysopterus chrysopterus (Linn.)
- Brotogerys chrysosema** Scl.
Brotogerys chrysopterus chrysosema Sclater
- Brotogerys sanctithomae** (Müller)
Brotogerys sanctae-thomae takatsukasae (Neumann)⁴⁴
- Amazona farinosa** (Bodd.)
Amazona farinosa farinosa (Boddaert)
- * **Amazona amazonica** (L.)
Amazona amazonica amazonica (Linn.)
- Amazona aestiva** (L.)
Amazona aestiva aestiva (Linn.)⁴⁵
- * **Amazona** spec. nov.
Amazona ochrocephala xantholaema Berlepsch
- Amazona nattereri** (Finsch)
Amazona ochrocephala nattereri (Finsch)⁴⁶
- Amazona diadema** (Spix)
Amazona diadema diadema (Spix)
- Amazona festiva** (L.)
Amazona festiva festiva (Linn.)
- Amazona chloronota** (Souancé)⁴⁷
- Graydidascalus brachyurus** (Kuhl)
Graydidascalus brachyurus insulsus Griscom & Greenway⁴⁸

(42) Para J. L. Peters (Check-List Bds. World, III, p. 207) o nome desta espécie deve ser *Brotogerys cyanoptera* (Salvadori).

(43) Dos exemplares referidos no Catálogo de Mme. Snethlage, os de Monto Alegre deverão seguramente pertencer a *B. c. chrysopterus*.

(44) Sobre as relações zoogeográficas desta raça com a forma típica vejam-se as minhas notas em Arq. de Zool., vol. IV, pág. 348-50 (1947).

(45) Não há provas de ocorrência de *A. aestiva* na bacia amazônica.

(46) No Brasil só é conhecido do extremo noroeste de Mato-Grosso (Rio Mamoré).

(47) Não difere de *A. f. festiva* (Linn.).

(48) *Graydidascalus brachyurus insulsus* Griscom & Greenway, 1937, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXI, p. 420: tipo de Lago Grande (Rio Amazonas, marg. sul). Os autores fixam a pátria da forma típica da espécie no leste do Equador (Apayacu).

- Pionus menstruus** (L.)
Pionus menstruus menstruus (Linn.)
- Pionus fuscus** (Müll.)
- Deroptyus accipitrinus** (L.)
Deroptyus accipitrinus accipitrinus (Linn.)
- Deroptyus accipitrinus fuscifrons** Hellmayr
- Pionopsitta caica** (Lath.)
- Pionopsitta barrabandi** (Kuhl)
- Gypopsitta vulturina** (Kuhl)
- Urochroma purpurata** (Gm.)
*Touit*⁴⁹ *purpurata purpurata* (Gmelin)
- * **Urochroma huetii** (Temm.)
Touit huetii (Temminck)⁵⁰
- Pionites melanocephala** (L.)
Pionites melanocephala melanocephala (Linn.)
- Pionites leucogaster** (Kuhl)
Pionites leucogaster leucogaster (Kuhl)
- Pionites xanthomerius** (Scl.)
Pionites leucogaster xanthomeria (Sclater)

Ordem XX. CORACIIFORMES

Família ALCEDINIDAE

- Ceryle torquata** (L.)
Ceryle torquata torquata (Linn.)⁵¹
- Ceryle amazona** (Lath.)
Chloroceryle amazona (Latham)
- Ceryle americana** (Gm.)
Chloroceryle americana americana (Gmelin)
- Ceryle inda** (L.)
Chloroceryle inda (Linn.)
- Ceryle aenea** (Pall.)
Chloroceryle aenea aenea (Pallas)

(49) *Touit* G. R. Gray, 1855 (Cat. Gen. Sugben. Bds., p. 89), cujo tipo é *Psittacus huetii* Temm., substituí *Urochroma* Bonaparte, 1856.

(50) Privativo da Venezuela, Guiana Inglesa e Amazônia extrabrasileira.

(51) Para alguns autores as populações sul-americanas da espécie pertenceriam a raça particular. Cf. Alfr. Laubmann, *Wissensch. Ergebn. Deuts. Gran-Chaco Exped.*, Voegel, 1930, págs. 141-3.

Família M O M O T I D A E

Urospatha martii (Spix)*Baryphthengus martii martii* (Spix)**Momotus momota** (L.)*Momotus momota momota* (Linn.)**Momotus momota parensis** Sharpe**Momotus momota cametensis** Snethl.**Momotus bartletti** Sharpe⁵²**Momotus nattereri** Scl.*Momotus momota simplex* Chapman⁵³**Momotus ignobilis** Berl.*Momotus momota ignobilis* Berlepsch⁵⁴* **Prionirhynchus platyrhynchus pyrrholaemus** Berl. & Stolz.*Electron platyrhynchum pyrrholaemum* (Berlepsch & Stolzmann)⁵⁵

Família C A P R I M U L G I D A E

Nyctibius bracteatus Gould⁵⁶**Nyctibius griseus** (Gm.)*Nyctibius griseus cornutus* (Vieill.)⁵⁷**Nyctibius longicaudatus** (Spix)? *Nyctibius aethereus* (Wied)**Nyctibius grandis** (Gm.)**Chordeiles rupestris** (Spix)*Chordeiles rupestris rupestris* (Spix)**Chordeiles acutipennis** (Bodd.)*Chordeiles acutipennis acutipennis* Hermann**Nytiprogne leucopyga** (Spix)

(53) É incerta ainda a classificação das aves do Rio Purus, possivelmente intermediárias entre *M. m. simplex* Chapman (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., XLVIII, 1923, p. 44) do baixo Tapajós e *M. m. nattereri* Scl., forma boliviana, aparentemente estranha à Amazônia. Sobre as relações desta raça com as suas companheiras consultem-se as minhas notas em Arq. de Zool., IV, p. 379 e segs.

(54) Raça peruana de ocorrência duvidosa no Brasil.

(55) Como a forma típica, *E. platyrhynchum pyrrholaemum* (Berl. & Stolz.) é considerada estranha ao Brasil, onde a substituem *E. platyrhynchum orienticola* Oberholser (Rio Purus) e *E. pl. chlorophrys* Miranda-Ribeiro (Rio Tapajós).

(56) Estranho à Amazônia brasileira.

(57) Exemplares do Rio Tapajós são arrolados sob *N. g. cornutus* (Vieill.) por Griscom & Greenway (Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, p. 160), raça aliás de validez muito discutida. Cf. Wetmore, Bull. 133 Un. St. Nat. Mus., p. 202.

Podager nacunda (Vieill.)*Podager nacunda nacunda* (Vieillot)**Lurocalis semitorquatus** (Gm.)*Lurocalis semitorquatus semitorquatus* (Gmelin)**Lurocalis semitorquatus nattereri** (Temm.)**Hydropsalis torquata** (Gm.)*Hydropsalis brasiliana brasiliana* (Gmelin)⁵⁸* **Hydropsalis climacocerca** (Tsch.)*Hydropsalis climacocerca climacocerca* (Tschudi)⁵⁹**Hydropsalis schomburgki** Scl.*Hydropsalis climacocerca schomburgki* Scl.⁶⁰**Nyctidromus albicollis** (Gm.)*Nyctidromus albicollis albicollis* (Gmelin) (localidades do Pará)⁶¹*Nyctidromus albicollis derbyanus* Gould (Maranhão)**Caprimulgus ocellatus** Tsch.*Nyctiphrynus ocellatus ocellatus* (Tschudi)**Caprimulgus rufus** Bodd.*Caprimulgus rufus rufus* Boddaert**Caprimulgus maculicaudus** (Lawr.)**Caprimulgus parvulus** Gould*Caprimulgus parvulus parvulus* Gould**Caprimulgus nigrescens** Cab.*Nyctipolus nigrescens nigrescens* Cabanis

Família CYPSELIDAE (= MICROPODIDAE)

Chaetura zonaris (Shaw)*Streptoprocne zonaris zonaris* (Shaw)

(58) Pelo estudo direto dos desenhos originais de Marcgrave ficou provado que *Caprimulgus torquatus* Gmelin corresponde à fêmea de *C. brasilianus* Gmelin. Cf. Ad. Schneider, Journ. f. Ornith., LXXXVI, 1938, p. 95-6.

(59) Os estudos de Todd (Ann. Carnegie Mus., XXV, 1937, p. 245) e outros ornitologistas levaram a reconhecer várias raças de *H. climacocerca* Tsch., espalhadas pela Amazônia, havendo fortes razões para que as aves do Rio Purus, as únicas de que o Catálogo de Sneath menciona exemplares, pertençam à forma típica da espécie. Cf. Griscom & Greenway, op. cit., p. 163.

(60) Não está verificada a existência desta raça guianense em território brasileiro.

(61) Segundo a opinião por mim esposada pouco tempo atrás (Arquiv. de Zool., IV, 1947, págs. 355-58), a área da raça típica deverá circunscrever-se à Amazônia.

- Chaetura brachyura** (Jard.)
Chaetura sclateri Pelz.
Chaetura cinereiventris sclateri Pelzeln.
Chaetura fumosa Salv.
Chaetura spinicauda fumosa Salvin ⁶²
Chaetura spinicauda (Temm.)
Chaetura spinicauda spinicauda (Temminck)
Claudia squamata (Cass.)
Reinarda squamata squamata (Cassin)
Panyptila cayennensis (Gm.)

Família TROCHILIDAE

- Threnetes leucurus** (L.)
Threnetes leucurus leucurus (Linn.)
Threnetes cervinicauda Gould
Threnetes leucurus medianus Hellmayr ⁶³
Glaucis hirsuta (Gm.)
Glaucis hirsuta hirsuta (Gmel.) ⁶⁴
Phaethornis superciliosus (L.)
Phaethornis superciliosus superciliosus (Linn.)
Phaethornis superciliosus mülleri Hellmayr
Phaethornis superciliosus ochraceiventris Hellmayr
Phaethornis superciliosus ochraceiventris Hellmayr
Phaethornis hispidus (Gould) ⁶⁶
Phaethornis philippii (Bourc.)
Phaethornis bourcierii (Less.)
Phaethornis bourcierii bourcierii (Lesson) ⁶⁷

(62) Não há registro da ocorrência desta raça de *C. spinicauda* Salv. em solo brasileiro.

(63) Com a separação desta raça este-paraense, a área geográfica de *T. leucurus cervinicauda* Gould fica restrita à alta Amazônia extra-brasileira.

(64) Não se tem ainda conhecimento exato das variações geográficas da espécie, que Griscom & Grenway (op. cit., p. 167) acham que é representada na zona de Obidos por uma raça particular.

(65) Estranho ao Brasil.

(66) Espécie insuficientemente estudada, em que Hellmayr (Novit. Zool., XVII, 1910, p. 375) reconhecia duas raças distintas.

(67) É possível ocorra também no Brasil a raça guianense, *P. b. whitelyi* Boucard.

- Phaethornis rupurumii amazonicus** Hellm.
Phaethornis squalidus amazonicus Hellm.⁶⁸
- Phaethornis ruber** (L.)
Phaethornis ruber ruber (Linn.)⁶⁹
- Campylopterus obscurus** Gould
Campylopterus largipennis obscurus Gould
- Campylopterus aequatorialis** (Gm.)
Campylopterus largipennis aequatorialis (Gmelin)⁷⁰
- * **Eupetomena macroura** (Gm.)
Eupetomena macroura macroura (Gmelin)
- Florisuga mellivora** (L.)
Florisuga mellivora mellivora (Linn.)
- Leucippus chlorocercus** (Gould)
Talaphorus chlorocercus Gould⁷¹
- Agyrtria nitidifrons** (Gould)
Agyrtrina versicolor nitidifrons (Gould)⁷²
- Agyrtria leucogaster** (Gm.)
Agyrtrina leucogaster leucogaster (Gmelin)
- * **Agyrtria millerii** (Bourc.)
Agyrtrina versicolor millerii (Bourcier)⁷³
- Agyrtria bartletti** (Gould)
Agyrtrina lactea bartletti (Gould)⁷⁴
- Agyrtria fimbriata** (Gmelin)
Agyrtrina fimbriata fimbriata (Gmelin) (Monte Alegre, Igarapé Paituna, Maracá)
Agyrtrina fimbriata nigricauda (Elliot) (Ilha de Marajó, Mexiana, Rio Tapajós, Rio Tocantins, Quatipuru, etc.)

(68) Cf. Pinto, Arquiv. de Zool., IV, pág. 359 (1947).

(69) No alto Rio Negro, a espécie é representada por *Ph. ruber nigricinctus* Lawr., do Alto Amazonas.

(70) A raça típica de *Campylopterus largipennis* (Bodd.), própria das Guianas, ocorre também no Brasil, desde as fronteiras com a Venezuela, até a margem septentrional do Amazonas.

(71) Estranho ao Brasil.

(72) J. L. Peters, em sua Check-List of the Bds. of the World (vol. V, p. 62), inclui no gênero *Amazilia* Lesson, subgênero *Polyerata* Heine todas as espécies correntemente referidas a *Agyrtrina* Chubb (= *Agyrtria* Reichenb.).

(73) Os exemplares do Rio Jamundá mencionados por Mme. Snethlage são seguramente inseparáveis dos de Obidos, onde Griscom & Greenway (op. cit., 1941, p. 171) admitem a presença de uma raça não descrita.

(74) Estranho ao Brasil.

a cargo das quatro secções, dando as instrucções necessarias para a boa marcha scientifica de cada uma d'ellas.

4.º—Determinar o objecto, a duração e a extensão das excursões, explorações, excavações, ás quaes o pessoal scientifico fôr chamado, attentas as conveniencias do Museu.

X 5.º—Estabelecer e activar relações com os Museus, Institutos, Corporações scientificas nacionaes e estrangeiras para a permuta de publicações; bem assim com os especialistas para a troca, determinação e classificação de collecções parciaes, podendo, para esse fim, fazer quaesquer concessões que o caso exija.

6.º—Nomear membros correspondentes e honorarios dentro e fóra do Estado.

7.º—Organisar, de accôrdo com o pessoal scientifico, a Bibliotheca do Museu.

8.º—Apresentar ao Governo as providencias que entender convenientes ao desenvolvimento do Museu.

9.º—Organisar o Regimento interno do Museu, para fiel observancia d'este Regulamento, submettendo-o á approvação do Governador.

10.º—Dirigir ou mandar dirigir por um dos chefes de secção, provisoriamente, a secção de ethnologia, etc., emquanto o desenvolvimento d'esta não torne necessario a nomeação de pessoal proprio.

11.º—Apresentar ao Governo as bases para o orçamento do Museu.

12.º—Apresentar ao Governo, até o fim de Dezembro, o relatório do movimento scientifico e administrativo do anno antecedente.

13.º—Representar o Museu em todos os actos publicos.

Art. 8.º—O Director poderá ausentar-se do Museu, todas as vezes que fôr necessario para excursões dentro do Estado ou em toda a região do Amazonas, dando previamente sciencia ao Governo.

Art. 9.º—Aos chefes de secção compete:

1.º—Cumprir e fazer cumprir as instrucções, que para a boa execução dos serviços a cargo das secções, lhe forem transmittidas pelo Director.

X 2.º—Coordenar e classificar, segundo as regras scientificas, os objectos pertencentes a cada secção, e organisar os seus respectivos catalogos.

3.º—Informar detalhadamente ao Director acerca dos resultados scientificos alcançados em viagens e explorações; assim como sobre investigações originaes realisadas no Museu.

4.º—Reservar de preferencia para as publicações do Museu os fructos dos seus trabalhos scientificos.

5.º—Apresentar ao Director até o fim de Novembro uma exposição summaria sobre o movimento scientifico das respectivas secções.

Art. 10.º—Ao Sub-director compete:

1.º—Executar e fazer executar as ordens emanadas da Directoria sobre os serviços a seu cargo.

2.º—Redigir (e assignar na ausencia do Director) todo o expediente administrativo.

3.º—Receber, trimestralmente, do Thesouro quantias que forem necessarias para despesas de character urgente e que forem adiantadas por ordem do Governo, prestando contas de um trimestre antes do recebimento do trimestre seguinte.

4.º—Fazer os lançamentos da receita e despeza do Estabelecimento; e ter sob sua guarda devidamente archivados os documentos relativos á administração.

5.º—Ter a seu cargo, provisoriamente, a Bibliotheca do Museu.

6.º—Representar o Museu no impedimento do Director.

Art. 11.º—Aos preparadores compete:

1.º—Preparar com aceio e promptidão todos os objectos que lhes forem fornecidos pelo Director e pelos chefes de secção.

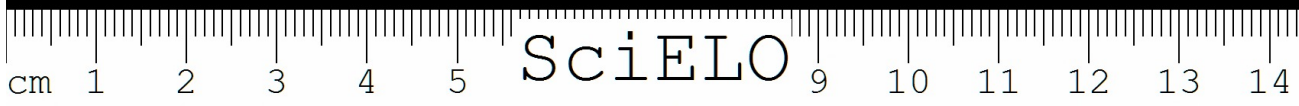
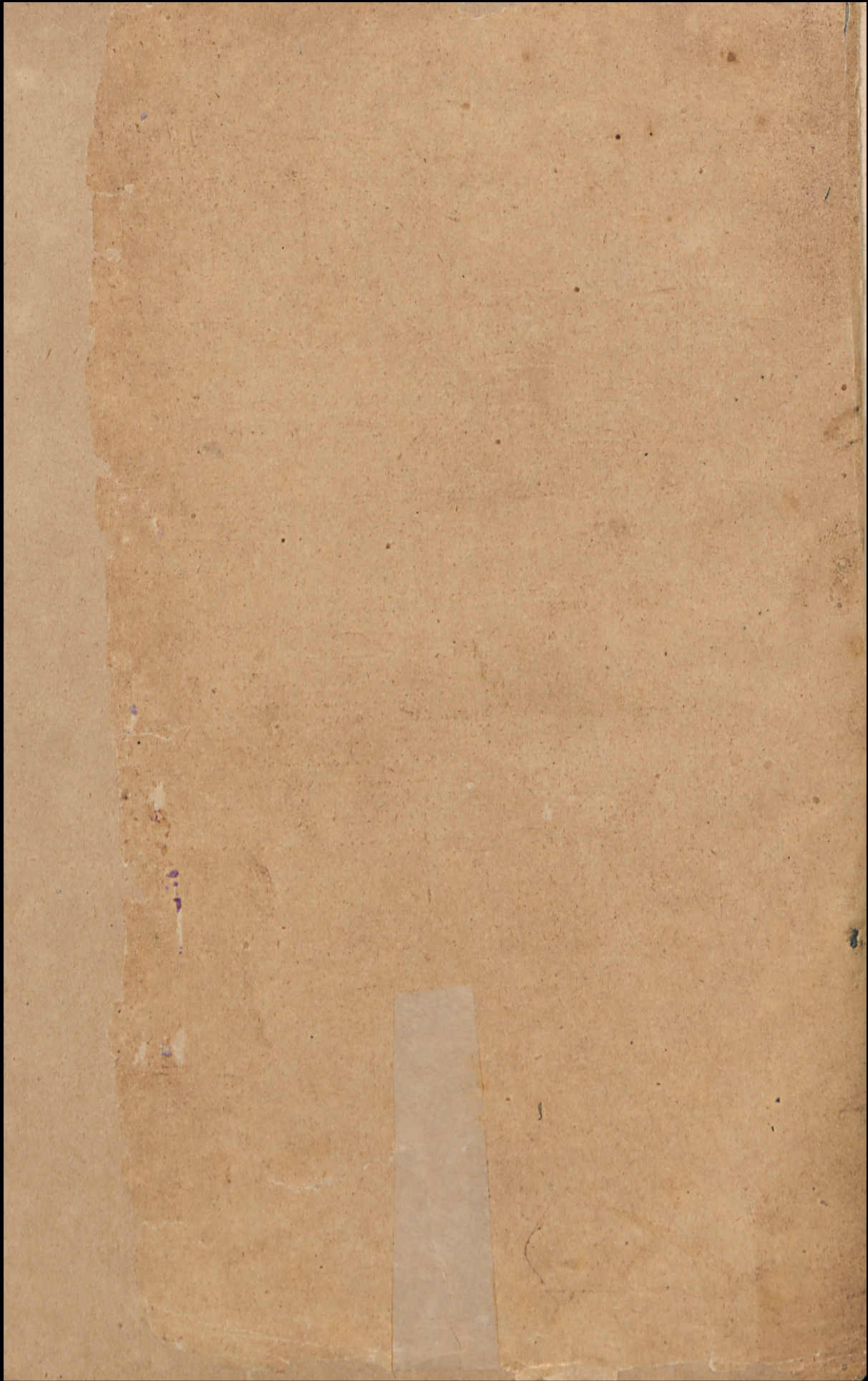
2.º—Acompanhar, nas excursões, o Director ou os chefes de secção, quando tenham de fazer qualquer viagem, coadjuvando-os, pelos meios ao seu alcance, na formação de collecções e contribuindo com todo o zelo para o bom exito da expedição.

Art. 12.º—As funcções dos demais empregados se acharão determinadas no regimento interno.

CAPITULO IV

— Das conferencias —

Art. 13.º—Poderá haver conferencias publicas feitas pelo pessoal scientifico, sobre assumptos que se prendam com os diversos ramos cultivados no Museu; sendo este um dos melhores meios de pôr o Museu em contacto com o publico e patentear a sua vitalidade.



FASC. I

BOLETIM
DO
MUSEU PARAENSE
DE
HISTORIA NATURAL E ETHNOGRAPHIA

PREFACIO

Sem pretensões grandiosas e projectos, que se perdem na altura das nuvens, apresenta-se, hoje, o nosso *Boletim*, pela primeira vez, á porta do recinto, onde se opera o movimento scientifico e litterario internacional. Já de fóra vemos a sala repleta de gente illustre e avistamos innumeros vultos de sabios e obreiros preclaros, de nome feito e reputação universal, vetustecidos no officio e com perfeita pratica d'esta vida. Quasi nos offusca o formigar febril que ha lá dentro; mas, descobrimos tambem logo, numerosas physionomias, de nós ha muito conhecidas, tantos amigos pessoaes, que sorriem amigavelmente e com gestos nos convidam a entrar e collaborar. Despimo-nos do acanhamento natural em semelhantes occasiões, tomamos coragem e pedimos respeitosamente o ingresso n'esta assembléa. Novos, como somos, assentamo-nos n'um dos lugares vasioes ao fim da mesa.

Qual é o nosso programma?

Seriamente trabalhar no desenvolvimento das sciencias naturaes e da ethnologia do Pará e da Amazonia em

CAPITULO V

— Das publicações —

Art. 14.º—O Museu Paraense publicará, com intervallos indeterminados e á proporção do material existente, uma revista de pequeno formato intitulada *Boletim do Museu Paraense*, com o fim de tornar rapidamente conhecidos certos estudos e resultados sobre assumptos de Historia Natural e Ethnologia, que significam um real adiantamento dos conhecimentos humanos e são apropriados a acelerar a exploração methodica da Amazonia em especial e da America em geral. O dito *Boletim* servirá igualmente de meio de publicação sobre questões da historia, marcha e desenvolvimento do Museu.

Art. 15.º—Com o desenvolvimento ulterior do Museu, poderá haver uma outra publicação, de formato maior e illustrada com estampas, com a denominação de *Memorias do Museu Paraense*.

Art. 16.º—A redacção d'estas revistas ficará a cargo do Director e do pessoal scientifico.

Art. 17.º—A distribuição será gratuita e ao arbitrio do Director.

CAPITULO VI

Das nomeações e substituições

Art. 18.º—Todo o pessoal do Museu, excepto os serventes, será nomeado ou contractado pelo Governador, mediante proposta do Director, sobretudo no que diz respeito ao pessoal scientifico e preparadores.

Art. 19.º—Para os cargos scientificos, quer por nomeação quer por contracto, são condições: 1.º ter cursado academias ou universidades onde o ensino das sciencias naturaes occupe um lugar notoriamente proeminente; 2.º ter estudos aprofundados sobre a sua especialidade e, se fôr possivel, trabalhos originaes; 3.º ter probidade scientifica.

Art. 20.º—O Director, no caso de impedimento será substituido, na parte administrativa pelo Sub-director e na parte scientifica pelo chefe de secção que elle designar.

Art. 21.º—Os chefes de secção serão substituidos uns pelos outros, attendendo a afinidade mutua das differentes secções.

DISPOSIÇÕES GERAES

Art. 22.^o—É expressamente prohibido a todos os empregados do Museu negociar, isto é, vender objectos de Historia Natural e de Ethnologia, assim como aceitar incumbencias particulares com o fito de lucros materiaes e pessoas.

Art. 23.^o—Com o fim de obstar o nocivo esfacellamento litterario, o Museu Paraense considera, como principio dominante do seu programma de trabalho e suprema regra na escolha das suas relações exteriores, auxiliar efficazmente (por correspondencias, publicações, remessas de collecções), os especialistas, corporações, Museus, que tomem parte na «Flora Braziliensis» de Martius e seus successores, na «Fauna Braziliensis» de Goeldi e outros e em outras obras collectivas congeneres, que têm por fim a exploração methodica e racional do Brazil e da America do Sul ou aquelles, que de qualquer outra maneira, deem uma garantia sufficiente pela elaboração prompta do material que lhes fôr confiado.

Art. 24.^o—Poderão ser admittidos praticantes, que queiram dedicar-se ao estudo da Historia Natural, quando d'isto não resulte inconveniente ao serviço do Museu, a juizo do Director.

Art. 25.^o—O Museu estará franco ao publico, em geral, aos domingos e quintas-feiras, das oito ás doze horas da manhã. As pessoas, porém, que tenham negocios com o Museu ou que queiram fazer offertas, os naturalistas e viajantes de passagem por aqui serão recebidos a qualquer hora.

Art. 26.^o—O Jardim Zoologico, Horto Botanico e as Estações Biologicas, previstas no art. 2.^o terão suas organizações proprias ficando porém a direcção do primeiro a cargo da 1.^a secção; a do segundo a cargo da 2.^a secção e as Estações Biologicas a cargo das 1.^a e 2.^a secções.

Art. 27.^o—Os cargos, creados pelo presente Regulamento, serão providos á medida que o reclamarem as necessidades do serviço.

Palacio do Governo do Pará, 2 de Julho de 1894.

LAURO SODRÉ.

NOTA.—Decreto de 2 de Julho de 1894 .Lei n.^o 199 de 26 de Junho de 1894.

PARTE SCIENTIFICA

I

† ARCHEOLOGIA E ETHNOGRAPHIA NO BRAZIL

POR DOMINGOS S. FERREIRA PENNA (1)

Em 18⁶6 appareceu aqui a idéa de formar-se uma associação destinada a crear e fundar na Capital um Museu — no qual pouco a pouco se reunisse os numerosos *productos antigos e modernos* da industria dos Indios aproveitando-se ao mesmo tempo toda a sorte de objectos de Historia Natural que se podesse obter. — Era, por outras palavras, *um Museu archeologico e ethnographico* que se tratava de fundar, mas sem a ostentação de palavras pomposas que a sciencia regeita.

Ouvidos e consultados sobre esta idéa, dous dos mais distinctos paraenses, não só acolheram-n'a com plena approvação, mas logo e de accordo com outros cidadãos trataram de propagal-a e dar-lhe desenvolvimento.

Em uma primeira reunião dos cavalheiros interessados pelo progresso intellectual da Provincia, reunião que se effectuou na sala principal do Palacio do Governo, foi resolvida a criação da Associação que tomou o nome de *Sociedade philomatica*, e na segunda reunião no mesmo Palacio ficou constituída a sociedade com a eleição da sua Meza ou Directoria que logo começou a trabalhar, e na mesma occasião se conferio ao futuro Museu o titulo de *Museu Paraense*.

A Meza da sociedade dirigio cartas aos mais distinctos cidadãos residentes nas cidades e villas do interior pedindo-lhes o seu valioso concurso em beneficio do Museu.

Na Capital muitos cidadãos, entre os quaes os Srs. Dr. Castro, Dr. Malcher, Coronel J. Diogo Malcher, Dr. Cantão e outros, — enviaram logo á Meza, cada um por sua vez, o que poderam obter para o Museu.

Foi, porém, do interior, como se devia esperar, embora com a demora indispensavel, que a Meza recebeu o maior

(1) Trabalho inedito, gentilmente offerecido ao *Boletim do Museu Paraense* pelo Sr. José Verissimo.

numero de objectos, os mais preciosos artefactos, taes como vestimentas de pennas e plumas; adufos ou tamborins, trombetas e tibicinas; armas de guerra; instrumentos de caça e pesca; machados de pedra, tembetás de quartzo branco; idolos de argilla, e vasos de barro, alguns muito ornamentados, e assim outros objectos.

Com estas collecções, que constituíram o nucleo do Museu, foi este afinal installado em Abril de 1867, depois de auxiliado com uma pequena quantia que o Presidente Dr. Leão Velloso, hoje Senador, mandou fornecer pelo Thesouro Provincial para a compra de moveis e outras despezas necessarias.

O Museu progredia, ainda que lentamente, augmentando suas collecções com os contingentes que lhe chegavam de diversas partes, e graças á contribuição espontanea de varios commerciantes e de dous particulares chegou mesmo a formar um importante nucleo de numismatica composto de moedas antigas, algumas medalhas, etc.

Um dos membros da Meza da Sociedade, tendo-se demorado algum tempo em Manáos, foi bastante feliz obtendo por mercê e gentileza de dous cavalheiros d'aquella Capital e trazendo para o Museu em 1869 uma estimada porção de artefactos archeologicos dos nossos Indios Uaupés e dos Indios Venezuelanos que habitam a curiosa região mesopotamica, quasi fechada pelo curso do Guainia, Inerida e Atabapo.

Mais tarde (em Fevereiro de 1872) o Museu recebeu das cabeceiras do rio Maracá uma porção de urnas mortuarias de um character até então novo para os archeologistas, contendo craneos e outros ossos humanos, preciosos testemunhos da veneração do antigo povo d'aquella região para com os seus maiores e seus chefes.

Em 1869 o Museu tomou um character quasi official quando, por ordem do Presidente, conselheiro José Bento, hoje Senador, deixou a casa em que mal se accommodava e passou a occupar uma parte do pavimento inferior da Directoria da Instrução Publica. Esse character foi confirmado em Abril de 1871, por occasião de installar a Bibliotheca Publica, creada a esforços do Presidente Dr. Portella que deu então ao Museu o Regulamento pelo qual ainda hoje se rege.

Desde o começo de 1870 o Museu Paraense, não obstante estar ainda numericamente pouco enriquecido, attrahia já, pela importancia das suas pequenas collecções ethnographicas e archeologicas, a attenção dos naturalistas, viajantes e amadores das sciencias que vinham ao Pará, bastando apresentar

como exemplos os Srs. Layard, consul britanico fundador do Museu do cabo da Bôa Esperança; Professor Steere da Universidade de Michigan; Professor Hartt da universidade de Cornell, Dr. Crinne, Professor de anthropologia de Berlim, Drs. Reiss e Stübel, intrepidos exploradores dos volcões da America do Sul.

Ch. Fred. Hartt, antigo alumno d'Agassiz a quem acompanhou na viagem feita por esse sabio ao Brazil em 1860 e que pouco depois foi nomeado Professor de Geologia na Universidade de Cornell, preparou-se com os recursos de um amator opulento de New-York e partio de novo para o Brazil, preferindo porém d'esta vez a Provincia do Pará onde chegou em 1870 trazendo, além d'um botanista, seu collega, uma escolhida turma dos seus mais habéis alumnos, taes como entre outros os Srs. H. Smith, A. Derby, já muito conhecidos hoje por seus trabalhos scientificos.

Favorecido, como merecia, pelo Prêsidente Dr. Abel Graça que lhe prestou prompto e commodo meio de transporte, Hartt entregou-se logo com ardor a uma série de explorações e estudos sobre a geographia physica e mais exforçadamente sobre a geologia e archeologia do paiz. D'estas explorações que se estenderam até as cachoeiras do Tocantins e a um pouco acima de Itaituba no Tapajós e ao lago Arary em Marajó, o Professor apresentou os resultados em um relatório dirigido ao Prêsidente como unico testemunho que podia dar de sua gratidão.

Este relatório escripto por seu autor em portuguez correcto, foi a diligencias minhas copiado do autographo e enviado ao redactor e proprietario do *Diario do Gram-Pará* que, amigo sempre dos bons trabalhos, logo o publicou, no mesmo anno 1870.

Em 1871 veio continuar as suas explorações no Pará, trabalhando mais particularmente nos districtos do Tapajós e Mont'Alegre onde demorou-se visitando as terras visinhas, a serra do Ereré onde desenhou todas as *Pedras pintadas* e por ultimo a serra do Paranaquára, no districto da Prainha.

Mas antes d'esta segunda visita ao Pará, o Professor fez publicar em duas Revistas scientificas e mórmente no *American Naturalist*, do que remetteu para aqui e para as outras principaes cidades do Imperio onde tinha amigos, bom numero de exemplares de um extenso e importante artigo, illuminado por muitas figuras, no qual descreveu magistralmente uma variada porção de artefactos archeologicos como louça e outros vasos de uso domestico, urnas, idolos, etc., que,

por indicação minha, mandou por um dos seus Ajudantes extrahir do ceramio do Facoval do Arary.

Outros artigos seus appareceram uns no *Bulletim da Universidade de Cornell* e outros no *American Naturalist* de 1871 e 1872. Não mencionarei senão os dois que mais importantes são para a archeologia.

Refere-se o primeiro a um dos mais curiosos artefactos ceramicos que poude produzir o povo que, em época ainda não determinada, dominava o paiz que hoje habitamos: — uma urna tubular, anthropomorpha, de rosto humano em relevo encerrando o craneo e os ossos longos de um homem. Este objecto precioso foi doado ao Museu pelo activo cultor das sciencias Dr. Francisco da S. Castro que o recebera de Maracá já bastante fracturado nos braços.

Hartt em uma das suas visitas ao Museu em 1870 desenhou e descreveu circumstanciadamente a urna e com a respectiva estampa publicou o seu artigo que attrahio a attenção dos principaes archeologistas.

O outro artigo é uma descripção igualmente magistral e completa, das *Pedras pintadas* da serra do Ereré, e das inscripções esculpidas em algumas rochas d'essa mesma serra nas da primeira cachoeira do Tocantins, ⁽¹⁾ bem como uma ligeira noticia das figuras, pela maior parte amorphas, gravadas nas pedras da serra da Escama ⁽²⁾ ao pé de Obidos e nas que existiam em Mont d'Argent, á foz do Oyapoke. O Professor illuminando este seu escripto com um crescido numero de estampas e figuras no texto, emittiu sobre cada objecto o seu autorisado juizo.

(1) Todos estes objectos foram desenhados pelo Professor e estampados no seu artigo.

(2) As figuras d'esta serra foram desenhadas em 1866 pelo Dr. José Virissimo de Mattos que teve a gentileza de offerecer-me em original os desenhos. Parecendo-me de muito interesse este trabalho que, além d'isso, tinha o merito de ser n'este genero (com excepção sómente d'alguns desenhos das Pedras do Ereré, feito por Wallace) o primeiro que se executou na Provincia do Pará, eu o remetti com aquella declaração ao Professor que muito o apfeciou e o inserio entre as estampas do seu artigo.

Caribe

II

ESTUDOS ARACHNOLOGICOS RELATIVOS AO BRAZIL

Pelo dr. EMILIO A. GOELDI

Com o fim de reunir um pouco o material litterario tão esparso relativo ás aranhas do Brazil e de preparar as bases e contornos para a « Monographia » respectiva, para a « Fauna do Brazil » em via de organização, redigi, a pedido de uma Sociedade Scientifica da Allemanha, em meiado de 1892, um primeiro trabalho introductorio, intitulado « *Orientação na fauna das aranhas do Brazil* »¹. Desde aquelle tempo faltou-me a occasião para escrever outras communicacões supplementares e o material reunido amontoou-se na minha pasta. Tratarei de dal-as á publicidade successivamente e resolvi principiar por uma revisão rapida das aranhas territelarias conhecidas do Brazil, isto é, d'aquellas aranhas que se distinguem das outras pelo movimento vertical das suas garras mandibulares e que o povo no Brazil conhece — pelo menos quanto a seus representantes avantajados — pela denominação trivial de — « aranhas caranguejeiras ». A revisão será por ordem chronologica.

I. REVISÃO DAS TERRITELARIAS BRAZILEIRAS

A) Territelarias da viagem Spix e Martius (1817-1820)
elaboradas por M. Perty

Já declarei no mencionado trabalho, escripto em lingua allemã, que o numero das aranhas colligidas no Brazil por Spix e seu companheiro não era grande. Relativamente ás Territelarias acho sóas seguintes especies na respectiva memoria de Perty:

- 1) *Mygale fusca* (Crypsidromus?) Perty (nec. fusca Koch).
- 2) *Myg. ochracea* (Eurypelma).
- 3) *Myg. Walckenaerii* (Avicularia).
- 4) *Myg. pumilio* (?).
- 5) *Idiops fusca*.
- 6) *Actinopus tarsalis*.

¹ Dr. E. A. Goeldi, « *Zur Orientirung in der Spinnenfauuna Brasiliens.* » Mitteilungen der Naturforsch. Gesellschaft des Osterlandes in Altenburg (Sachsen), Festschrift, V.^{ter} Band, 1892, pag. 200 — 249.

São portanto seis especies. Como novos generos introduziu Perty n'aquelle tempo Idiops e Actinopus ⁽¹⁾.

B) Territelarias na grande obra de Hahn e Koch sobre os Arachnidos (1831-1848) ⁽²⁾

Já são bastante numerosas as especies brazileiras de aranhas do nosso grupo citadas, figuradas e descriptas n'esta obra, a saber:

- 1) *Mygale adusta*.
- 2) *Myg. avicularia*.
- 3) *Myg. bistriata*.
- 4) *Myg. Blondii*.
- 5) *Myg. brunnipes*.
- 6) *Myg. cancerides*.
- 7) *Myg. detrita*.
- 8) *Myg. diversipes*.
- 9) *Myg. fervida*.
- 10) *Myg. fimbriata*.
- 11) *Myg. fusca*.
- 12) *Myg. hirtipes*.
- 13) *Myg. Klugii*.
- 14) *Myg. leporina*.
- 15) *Myg. lycosaeformis*.
- 16) *Myg. ochracea*.
- 17) *Myg. plantaris*.
- 18) *Myg. rufidens*.
- 19) *Myg. scoparia*.
- 20) *Myg. seladonia*.
- 21) *Myg. versicolor*.
- 22) *Myg. Walckenaerii*.
- 23) *Myg. zebra*.
- 24) *Actinopus tarsalis*.

As especies são portanto 24 — com um accrescimento de 18 sobre o antecessor. De todas ellas tem figuras e assim mesmo, é ás vezes difficillimo reconhecel-as exactamente, como logo mostraremos: N'aquelle tempo ainda não se prestava a devida attenção a todos aquelles distinctivos minuciosos, como hoje, e uma simples figura do habito exterior em bem pou-

(1) M. Perty, *Delectus Animalium Articul. quae in itinere per Brasillam* J. B. de Spix e C. F. de Martius coll. (1830—1844 (Monach.))

(2) Hahn & Koch, «*Die Arachniden*», Nürnberg 1832—1848., 16 vol. com 563 estampas coloridas.

cos casos torna possível uma determinação ¹. Comtudo direi que a *Mygale zebra*, por exemplo, parece constituir uma excepção. Achei-a na Serra dos Orgãos, Estado do Rio., 800 metros acima do mar, e reconheci-a logo mediante a figura 729. As Territelarias de Hahn e Koch acham-se principalmente nos fasciculos 1, 2, 3, 5, 9. Merece notar-se especialmente que os autores encaixam tudo no genero *Mygale* (23 especies), com unica excepção do *Actinopus tarsalis*.

C) Territelarias da viagem do Conde François de Castelnau, elaboradas por Lucas (1843-1847) ²

Os resultados d'esta viagem não adiantam muito relativamente ás aranhas territelarias. Acho só as seguintes especies mencionadas:

- 1) *Mygale Blondii* (Theraphosa).
- 2) *Myg. nigra* Walk (?).
- 3) *Myg. ochracea* Perty (Eurypelma),
- 4) *Myg. lineata* Lucas (Rio de J.)
- 5) *Actinopus rufipes* Lucas (Pachyloscelis).
- 6) *Actinopus nigripes* Lucas (Closterochilon).

São em todo seis especies, das quaes tres novas, uma do genero *Mygale* e duas do genero *Actinopus*.

D) Territelarias brazileiras citadas no trabalho monographico de A. Ausserer (1871-1875) ³

Como já accentuei no meu trabalho allemão (pag. 230) este é o principal e melhor que existe sobre a materia e ainda hoje serve de codigo na determinação das aranhas que fazem parte do nosso grupo. Foi o prof. Ausserer quem pela primeira vez estabeleceu uma tentativa seria para um systema, que se não se póde chamar de todo natural, pelo menos presta bons serviços para a orientação no cháos das multiplas formas que se juntaram ultimamente nos Museus de todas as partes do mundo. No momento de redigir a me-

¹ Assim o Dr. Simon declara que as especies acima mencionadas: *M. planaris*, *scoparia*, *adusta*, *leporina* C. Koch são «de très-jeunes Avicularia indéterminables» (pag. 172) e eu não duvido em participar n'esta opinião.

² Expédition scientifique dans l'Amérique du Sud Centrale, do Rio á Lima e de Lima á Pará. Zoologie en 8 parties avec 176 planches (Paris 1850-1862).

³ Beitrage zur Kenntnis der Arachniden—Familie der Territelariae Thorel. (*Mygalidae* Autor.) (Abbandl. der K. K. zoolog.—bot. Akademie in Wien. Bd. XXI, Br. xxv)

moria alemã, não tinha o trabalho de Ausserer á minha disposição; escrevi de memoria. Hoje o possuo e assim me é possível dar uma lista das Territelarias, que o melhor conhecedor do grupo declara pertencer á fauna no Brazil.

- 1) *Pachyloscelis rufipes* Lucas.
- 2) *Pach. Nattereri* Dolechall (Rio Negro; Natterer).
- 3) *Pach. picea* Auss.
- 4) *Actinopus tarsalis* Perty.
- 5) *Act. longipalpis* Koch. ¹
- 6) *Closterochilus nigripes* Lucas.
- 7) *Pachylomerus glaber* Dol. (?)
- 8) *Idiops fuscus* Perty.
- 9) *J. Petitii* Guérin-Meneville.
- 10) *Diplura Rogenhoferi* Auss.
- 11) *Crypsidromus isabellinus* Auss. (Rio de J.; Tschudi).
- 12) *Cryp. (Mygale) fusca* Koch.
- 13) *Eurypelma (Mygale) brunneipes* Koch.
- 14) *Trechona (Mygale) lycosiformis* Koch.
- 15) *Avicularia vestiaria* D. Geer (+ var. vulpina).
- 16) *Avic. Walckenaerii* Perty (Eurypelma).
- 17) *Avic. diversipes* Koch. (").
- 18) *Avic. plantaris* Koch. (").
- 19) *Acanthoscurria geniculata* Koch. (Rio Branco; Natterer.
- 20) *Acanthopalpus theraphosoides* Dol. (Natterer).
- 21) *Lasiadora Klugii* Koch.
- 22) *Las. spinipes* Auss.
- 23) *Homøomma versicolor* Walck. (Rio de J.).
- 24) *Eurypelma striatipes* Auss.
- 25) *Euryp. rubropilosa* Auss. (= Myg. avicularia C. Koch Fig. 737.
- 26) *Euryp. cancerides* Lucas.
- 27) *Euryp. ochracea* Perty.
- 28) *Theraphosa Blondii* (?) Cayenne).
- 29) *Typhlochloena seladona* Koch.
- 30) *Ischnocolus Dolechallii* Auss.

Além d'estas 30 especies, das quaes Ausserer reconhece pelo menos 26 como boas e examinadas por elle, cita ainda 7 especies como duvidosas, a saber:

- 1) *Mygale Bartholomei* Lat.
- 2) *Myg. conspersa* Walck.
- 3) *Myg. pumilio* Perty.

¹ Na obra de Koch (Vol. IX, pag. 102) esta especie é indicada como proveniente de Montevideo.

- 4) *Myg. adusta* Koch.
- 5) *Myg. scoparia* Koch.
- 6) *Myg. leporina* Koch.
- 7) *Myg. detrita* Koch.

Como se vê, Ausserer deu o primeiro passo decisivo para um agrupamento racional, estabelecendo numero avultado de novos generos e subgeneros, tomando caracteristicos distinctivos da posição dos olhos, do armamento das unhas e dos tarsos, etc.

Na introdução do seu segundo trabalho, publicado em 1875, avalia Ausserer o total das Territelarias do mundo actual em 260 especies. Declara tambem, que a America central junto com a America meridional—patria e metropole das grandes Theraphosides—fornecem 125 especies (perto de 48 % do total) e quasi $\frac{2}{3}$ dos generos conhecidos. Dá como caracteristicos d'esta parte do Novo Mundo os seguintes generos, ricos em especies: *Diplura*, *Crypsidromus*, *Avicularia*, *Lasiadora*, e *Eurypelma*.

E) Territelarias da viagem do prof. E. von Beneden, descriptas pelo Dr. Ph. Bertkau (1880) ¹

Pela viagem do prof. van Beneden o conhecimento das territelarias brazileiras soffreu um pequeno adiantamento. Acharam-se as seguintes especies:

- 1) *Avicularia vestiaria*.
- 2) *Cyrtachenias maculatus* Bertk.
- 3) *Nemesia anomala* B.
- 4) *N. fossor* B.
- 5) *Diplura gymnognatha* B.
- 6) *Thalerothele fasciata* B.
- 7) *Macrothele annectens* B.
- 8) *Crypsidromus fallax* B. (an *C. intermedius* Auss).
- 9) *Trechona adspersa* B.
- 10) *Eurypelma* (*Lasiadora*) *Benedenii* B.
- 11) *Homwomma familiaris* B.

São portanto onze especies—quasi todas novas. Bertkau creou o novo genero *Thalerothele* para uma aranha, achada na Tijuca (Rio de Janeiro).

¹ Verzeichniss der von prof. Ed. van Beneden in Brasilien (1872-1873) gesammelten Arachniden, Brüssel 1880.

F) Territelarias brasileiras descriptas na grande obra do Conde Eugen von Keyserling sobre as "Aranhas da America" (1892) ¹

Ha n'esta obra tambem um certo numero de aranhas pertencentes ao nosso grupo. Ellas foram descobertas por meu collega, o Dr. Hermann von Ihering, no Rio Grande do Sul, e por mim no Rio de Janeiro. São as seguintes:

- 1) *Pachyloscelis crassipes* Keys.
- 2) *Pach. luteipes* Keys.
- 3) *Cyrtosternum meridionale* Keys.
- 4) *Hapalopus villosus* Keys.
- 5) *Ischnocolus pilosus* Keys.
- 6) *I. gracilis* Keys.
- 7) *I. rubropilosus* Keys.
- 8) *I. janeirus* Keys.
- 9) *Crypsidromus perfidus* Keys.
- 10) *Cryp. junestus* Keys.
- 11) *Trechona auronitens* Keys.
- 12) *Trech. pantherina* Keys.
- 13) *Eurypelma Iheringii* Keys.
- 14) *Euryp. vitiosa* Keys.

São quatorze especies; ha um acrescimo de quatro especies no genero *Ischnocolus* e de duas nos generos *Pachyloscelis*, *Crypsidromus*, *Trechona* e *Eurypelma*.

G) Territelarias brasileiras segundo a obra do Dr. Eugene Simon "Historia natural dos Arachnidos" (1892-1894) ²

Um novo aspecto é dado á systematica das Territelarias n'esta obra do excellente araneologo francez. Elle divide a familia das *Aviculariidae* em sete subfamilias, a saber:

- I) *Paratropidinae*.
- II) *Actinopodinae*.
- III) *Miginae*.
- IV) *Ctenizinae*.
- V) *Barychelinae*.
- VI) *Aviculariinae*.
- VII) *Diplurinae*.

Elle calcula o total das especies conhecidas de toda a

¹ Die Spinnen Amerikas. III^o Vol. Brasilianische Spinnen von Graf E. von Keyserling, edit. Dr. George Marx, Nürnberg 1891.

² E. Simon, Histoire naturelle des Araignées. 2^o édition Paris (até agora só appareceram os dous primeiros fasciculos).

terra em 487 e indica que 24 especies pertencem á America do Norte, 17 especies ás Antilhas e 248 á America central e meridional.

Da subfamilia dos *Paratropidinae* ha só o genero *Paratropis* que nos possa interessar, visto achar-se no Alto-Amazonas (*P. scrupea*).

Da subfamilia das *Actinopodinae* é proprio a parte meridional do continente americano o genero *Actinopus*, contando, segundo Simon, hoje umas dez especies.

É extra-americana a subfamilia das *Miginae*.

Da numerosa subfamilia das *Ctenizinae* ha representantes brasileiros nos generos *Pachylomerus*, *Acanthodon*, *Idiops* (como nova especie cita I. Germainii), *Stenoterommata*, *Pseligmus*, *Rachias*.

Da subfamilia das *Barychelinae* encontramos representantes no Brazil nos generos *Homæoplacis*, *Idiophthalma*, *Cosmopelma*, *Trichopelma*.

A subfamilia das *Aviculariinae* é fortemente representada na America do Sul e bom numero de especies encontram-se no Brazil. São os generos: *Ischnocolus*, *Magulla*, *Tmesiphantes*, *Cyclosternum*, *Callyntropus*, *Acanthoscurria*, *Lasiadora*, *Homæomma*, *Eurypelma*, *Avicularia*, *Tapinauchenius*.

A ultima subfamilia, das *Diplurinae*, tambem tem seu quinhão no Brazil nos generos: *Diplura*, *Eudiplura*, *Trechona*, *Hapalothele* (*H. auricomis*, *H. albiovittata* S.), *Thelechoris*.

*

Infelizmente a obra do Dr. Simon, trata principalmente só de generos e deixa portanto de citar todas as especies que nos podem interessar relativamente ao Brazil. Nutrimos entretanto a esperanza que estas nossas linhas se constituam em ponto de partida para uma noticia complementaria que liquide este assumpto e temos razões para suppôr que o proprio Dr. Simon venha nos dar proxicamente a enumeração das Territelarias brasileiras que elle possui em sua magnifica collecção ou que elle tem tido occasião de estudar em outra parte.

*

Não posso dar por findo este ligeiro estudo sem apontar para um erro muito commum em publicações sobre historia natural do Brazil. Em toda a parte acho indicado como exemplo saliente de grandes «aranhas-caranguejeiras» do

Brazil a *Mygale Blondii*, estabelecido por Latreille em 1804. Ora, esta aranha (cujo original ainda existe em Paris) é originaria da Guyana, do Rio Maroni e não ha noticia alguma que ella jamais fosse vista, observada e colleccionada positivamente em territorio do Brazil ¹. Ausserer tomou-a por typo do genero *Theraphosa* e Simon o segue n'este ponto. Eu posso affirmar, baseando-me nas minhas proprias observações, que as grandes aranhas-caranguejeiras que se veem, por exemplo no Rio de Janeiro, pertencem em sua maioria ao genero *Homomma* ou então ao genero *Eurypelma* (Ausserer) pag. 210 seq; Simon pag. 159. A determinação especifica das Territelarias não é facil e exige um estudo minuciosissimo; é sem duvida um dos grupos mais difficeis na systematica dos Arachnidos e quem quizesse que um naturalista dissesse logo á primeira vista o nome de qualquer d'estas aranhas tornar-se-ia culpavel da mais — grösseira ignorancia.

A maneira como uma caranguejeira, propria da Guyana, passou a ser considerada em tantos e tantos livros sobre o nosso paiz como typo genuinamente brasileiro, é um exemplo frisante d'esta antiquada sabedoria de catechismo que lastra ainda por toda a parte. É tempo que se ponha de parte, finalmente, um d'estes erros de chapa, que infeccionou a litteratura scientifica já perto de um seculo.

D'aquellas Territelarias interessantes, que fabricam um canudo na terra, fechado por um operculo bem confeccionado e que os inglezes chamam, de modo bastante significativo, «trap-door-spiders» ha tambem representantes no Brazil. Observei diversas d'estas maravilhosas construcções na Serra dos Orgãos, Rio de Janeiro. Sei que são devidas a membros do grupo das *Ctenizinae*, mas não consegui ainda descobrir a sua paternidade com toda a exactidão desejavel.

Pará, 8 de Julho de 1894.

(Continúa)

¹ Koch certamente não conhecia bem a proveniencia do seu exemplar e Lucas talvez confundisse esta especie com outras, como tem acontecido com tantos autores.

III

Breve noticia acerca de alguns vermes interessantes do Brazil

Pelo dr. EMILIO A. GOELDI

I. Gordiidae. Ha muito tempo que temos observado occasionalmente certos vermes da familia dos *Gordiidae* como parasitas de insectos, principalmente da ordem dos *Orthopteros*, *Acridios* e *Locustideos* (Gafanhotos). De vez em quando encontra-se tambem uma Barata (*Blattidae*) infectada de semelhante molestia, chegando estes vermes, de dimensões assás consideraveis e semelhando a um comprido fio de linha enrolado, a ganhar a superficie exterior do seu hospede. Na falta de um especialista nosso conhecido que mostrasse ensejo de occupar-se mais detalhadamente com este assumpto, não tratamos nos annos anteriores de conservar o respectivo material com todo o desvelo — que agora desejavamos ter empregado. De repente surgiu, quem faz d'este assumpto um estudo especial. O Sr. Iiri Ianda, do Instituto Zoologico da Universidade de Prag (Austria) publicou recentemente ¹ um interessante trabalho sobre a systematica dos *Gordiidae* e occupa-se de uma revisão do genero *Chordodes*, que abrange os parasitas mencionados. O Sr. Ianda constata que até agora o genero constitue-se de treze especies, a saber:

- 1) *Chordodes parasitus* Creplin, (1847), parasita de um gafanhoto brasileiro (*Acanthoditis glabrata*).
- 2) *Ch. pilosus* Moebius (1855) — parasita de uma barata de Angustura (*Blatta gigantea*)
- 3) *Ch. ornatus* Grenacher (1868) — parasita de um gafanhoto «Louva-Deus» (*Mantis*) das Ilhas Philipinas.
- 4) *Ch. (Gordius) caledoniensis* Villot (1874) — Nova-Caledonia — hospedado por?
- 5) *Ch. (Gordius) tuberculatus* Villot (1874) — parasita de uma Mantis de Nova-Hollanda.
- 6) *Ch. (Gordius) defilippei* Rosa (1881) — da vizinhança de Tiflis (Caucaso); — hospede?

¹ «Beitraege zur Systematik der Gordiiden» Zoologische Jahrbücher. Vol. VII, Fasciculo 4 (1893) (Iena) pag. 595 seq.

- 7) *Ch.* (G.) *bouvieri* Villot (1884) Hospede e proveniencia desconhecidas.
- *8) *Ch.* (G.) *verrucosus* Baird. Africa oriental — Hospede desconhecido.
- 9) *Ch.* (G.) *weberi* Villot (1891) Sumatra — Hospede desconhecido.
- 10) *Ch.* (G.) *sumatrensis* Villot (1891) Sumatra.
- *11) *Ch.* (G.) *diblastus* Oerley (1881).
- *12) *Ch.* (G.) *pachydermus* Oerley. (estas duas ultimas especies sem hospede e proveniencia conhecidos).
- 13) *Ch.* (G.) *modigliani* Camerano (1892) Africa.

A estas treze especies (das quaes tres, as com * um tanto duvidosas ainda) junta o autor uma nova especie, proveniente do Brazil, á qual elle dá o nome de *Chordodes brasiliensis* (typo em Prag, hospede desconhecido, comprimento 33^{mm}), estendendo-se largamente nos pormenores systematicos.

Os *Gordiidae*, do genero *Chordodes* medem entre 200 a 500^{mm} em comprimento, mas não mais do que 1 a 2^{mm} de diametro. São um tanto attenuados tanto do lado anterior, como do lado posterior. A côr é geralmente a de café. São todos extra-europeus e certamente tambem todos parasitarios.

Ainda temos algum material sobre estes vermes, colligido na Serra dos Orgãos, que tencionamos pôr á disposição do especialista em questão.

II. Planariae. Temos, durante annos, colligido Planarias terrestres, grupo tão variado quão pouco estudado em relação ás especies brazileiras, embora já Charles Darwin tivesse chamado a attenção para ellas (*Geoplana*, etc.)¹. Felizmente podemos esperar, que a epocha não esteja mais muito longe, onde teremos um bello principio a este respeito. Somos informados que o prof. L. von Graff, da Universidade de Graz (Austria) prepara um trabalho monographico destinado á descripção das nossas colheitas.

Estes vermes chatos, que habitam debaixo de páos humidos e podres do mato, e que o povo do Sul comprehende com a mesma denominação trivial de «lesmas», como os molluscos gasteropodes sem testo (*Vaginulus* etc.) dispõem em vida ás vezes de um colorido lindissimo, que mereceria ser fixado pelo pincel de um artista. No musgo humido temos

¹ Voyage d'un naturaliste. (Traduction française par E. Barbier 1875, pag. 28 seq.) Darwin nos diz, que elle, no Rio de Janeiro, não achou menos de dez especies em poucos dias, enumeradas e descriptas nos *Annals of Nat. History* Vol. XIV, pag. 241.

encontrado, no Rio de Janeiro, especies do genero *Bipalium*, com o pólo anterior alargado em fórma de martello e configuração semelhante á das especies descriptas por Schmarda — Planarias terrestres que já por vezes se tem encontrado nas estufas da Europa, introduzidas com plantas provenientes da zona torrida.

III. Enteropneustos. D'este grupo singular, do qual ainda hoje não se sabe bem onde se ha de collocar-o no systema, e que segundo a opinião moderna faz a passagem dos vermes para os Echinodermes, encontrei em meados de 1880, na bahia do Rio de Janeiro, por meio da draga, diversos exemplares — infelizmente nenhum inteiro — de um *Balanoglossus*, que remetti ao prof. J. W. Spengel, da Universidade de Giessen (Allemanha), do qual eu sabia que estava já ha annos preparando uma monographia especial dedicada ao genero *Balanoglossus*. Este trabalho está hoje publicado ¹ e ao nosso Enteropneusto fluminense está n'elle reservado um Capitulo inteiro (X) com tres magnificas estampas sobre a sua anatomia. O prof. Spengel lhe deu o nome de *Schizocardium brasiliense*. Pelo mappa, que illustra a distribuição geographica (pag. 215), vê-se que este verme até hoje só foi achado na habia do Rio de Janeiro e por tres naturalistas: o prof. Edouard von Beneden o obteve (em quatro fragmentos) entre as ilhas da Lage e de Villegagnon (1872-1873), o prof. Selenka (1875) retirou (igualmente só fragmentos) alguns exemplares perto da ilha Bôa Viagem e eu apanhei sete exemplares mais no fundo da bahia, nas visinhanças das ilhas de Paquetá e de Brocoió. Minha opinião, que participei ao distincto especialista, é porém, que o interessante Enteropneusto será provavelmente achado ainda em muitos outros pontos d'aquella bahia.

IV. Trematodes. No riacho, que atravessa a Colonia Alpina, situada na Serra dos Orgãos (Estado do Rio de J.) acha-se frequentemente um *Chelonio* («kagado»), que reconheci ser a *Hydromedusa tectifera* Cope. Além de um Hirudineo (Sanguessuga), que observei uma vez agarrado no «plastron sternal» d'este reptil, achei diversas vezes um outro verme ectoparasitario, de pequenas dimensões e de côr amarellada, alojado de preferencia e em associações numerosas nos sovacos dos braços e na inserção das pernas. O prof. A. Giard, do collège de France, em Paris, reconheceu

¹ J. W. Spengel, Monographie der Enteropneusten. (Fauna und Flora des Golfes von Neapel) (1893).

n'este ectoparasita um trematodo, descripto por Monticelli com o nome de *Temnocephala brevicornis*, sobre um exemplar no Museu de Copenhague (Dinamarca), trazido do Brazil pelo prof. Reinhardt, em 1876. A descripção original parece que é muito deficiente e o prof. Giard promette-nos um estudo mais accurado; escrevendo-nos—«*car vous le voyez, on sait encore bien peu de choses sur ce curieux trématode* ¹». Aguardamos este estudo do eminente zoologo francez.

V. Hirudineos. Com o nome de *Haementeria* conhece a sciencia um genero de Sanguessugas exclusivamente americanas, entre as quaes toma lugar proeminente pelo seu extraordinario tamanho uma especie propria do Amazonas, *H. Ghilidnii* (Filippi 1849)—certamente o individuo o mais gigantesco de toda esta stirpe. O primeiro exemplar, que serviu de typo a Filippi ² foi colleccionado em 1846 pelo Sr. Vittore Ghiliani, assistente no Museu de Torino (Italia) e ainda existe n'aquelle Museu. Eu tive a felicidade de obter um segundo exemplar, proveniente de um membro da commissão de exploração da Estrada de Ferro do Madeira e Mamoré—exemplar que hoje está na Suissa em mãos de um especialista, que d'elle fez objecto de uma importante e detalhada publicação ³. O exemplar original de Filippi mede—em estado de contracção—135^{mm}. de comprimento, sobre uma largura maxima de 50^{mm}.; o individuo por mim obtido mede 190^{mm}. de comprimento, sobre 100^{mm}. de largura maxima e 8^{mm}. de espessura. Além d'estes dous exemplares não se conhecem até agora mais.

O Dr. Raphael Blanchard, de Paris, Secretario Geral da Sociedade de Zoologia na França,—o naturalista que fóra de duvida é actualmente o melhor conhecedor d'este grupo de vermes—tambem se occupou ultimamente d'este herculeo Hirudineo ⁴, e o trabalho (que elle teve a gentileza de mandar-me com muitos outros) merece especial menção, porque contém um resumo condensado de todos os trabalhos relativos a este notavel Annelido.

¹ Carta de 7/Maio 1894.

² Sopra un nuovo genere di Annelidi della famiglia delle Sanghuisughe. Memorie d'ell' Accad. della Scienze de Torino (2) x, pag. 395 (1849).

³ A. Lang. Uber die äussere Morphologie von Haementeria Ghiliani. Zürich (Suissa) 1891.

⁴ R. Blanchard, Révision des Hirudinées du Musée de Turin. (Bolletino dei Musei di Zoologia ed Anatomia comparata della R. Università di Torino Vol. VIII, N.º 145 (1893).

Claro é que vale a pena proceder-se a novas tentativas para obter-se ainda mais exemplares da *Haementeria Ghilianii* e espero que estas linhas tenham o benéfico effeito, de chamar a attenção sobre esta sanguessuga na sua propria patria. Além de mais exemplares seria altamente desejavel investigar o seu modo de vida. Quem sabe se talvez qualquer pescador d'aqui não conhece perfeitamente o animal, e sabe mais acerca dos seus costumes, do que, até esta hora, consta nos annaes da sciencia?

Belém do Pará, 18 de Julho de 1894.

IV

Costa

Observações e impressões durante a viagem costeira do Rio de Janeiro ao Pará ¹

(12 DE MAIO A 7 DE JUNHO DE 1894)

Pelo dr. EMILIO A. GOELDI

Era entre 4 a 5 horas da tarde do dia 12 de Maio, quando o vapor *Patagonia*, da linha de Hamburgo, levantou ferro para sahir barra fóra. O nome do nosso paquete achava-se n'uma contradicção manifesta com o nosso destino, debaixo do Equador. Mas nós não nos preocupamos muito com tal antagonismo nominal. A marcha vagarosa no principio convidava-nos e dava-nos boa occasião para examinar de perto os vestigios da epocha triste, que poucos dias tinha findo na historia da formosa bahia de Guanabara. Por mais avesso que sejamos a tudo que pertence ao terreno politico, n'aquella meia hora até chegarmos debaixo das austeras peças de Santa Cruz, quantas recordações e impressões variadas

¹ Às pressas tivemos de escrever este artigo para substituir um extenso e bello estudo monographico do professor Dr. A. Forel de Zürich (Suissa), intitulado *A Fauna das Formigas do Brazil*, devido á circumstancia de tal publicação demandar, attento seu copioso fraseado technico, de grande quantidade de typos e dizeres especiaes, que nosso editor já encommendou para a Europa.

Dada esta explicação aos nossos leitores, desde já convidamol-os para apreciarem, n'um dos proximos fasciculos d'este *Boletim*, o erudito trabalho do eminente prof. Dr. A. Forel.

não devia provocar em nós o aspecto da paisagem ao redor! Ruínas e chaoticos montões de pedra avistamos lá, onde em tempos mais felizes, estávamos acostumados a vêr, da nossa embarcação em serviço da sciencia, muros pacíficos e antigos, fortes fóra de uso e, aranhados pelas ferozes garras da guerra, apresentavam-se até os escolhos e pedras, onde tantas vezes, na vasante, tínhamos saltado para dar caça aos ligeiros sirís e ás variadas fórmãs da fauna marítima, que as ondas não tinham levado consigo na sua retirada. Onde Marte se agita com tanto furor, — Minerva deixa-lhe o campo, emigra, e procurando praias mais pacíficas espera a volta do socêgo e de tempos melhores.

*

Pouco férteis para observações sciéntificas foram os tres dias consecutivos no alto mar. As gaivotas (*Larus maculifennis*) nos acompanharam ainda algum tempo, formando nossa guarda de honra e dando-nos o ultimo adeus do Rio. E porque não haviam de prestar-nos esta attenciosa homenagem? Queriam significar-nos a gratidão da aviaria brasileira? Que me seja licito, interpretar as cousas ao meu modo; tenho consciencia que deixei no Rio obra digna d'ella.

*

O *Patagonia* tinha que seguir para a Europa e nós queríamos viajar para o Norte, de sorte, que nós nos separamos d'elle na vetusta Bahia. Com receio da febre amarella porém fomos ainda postos em observação desde a manhã até a tarde — horas sempre desagradaveis, durante as quaes unicamente uma grande tartaruga veio distrahir-nos um pouco com os seus exercicios, de natação ao redor do paquete.

Os dez dias que nós tínhamos de esperar até a vinda de outro vapor que nos levasse para o Amazonas, foram aproveitados, tanto quanto possível, em pequenas excursões, e na orientação d'aquella parte da fauna bahiana, que estava mais á mão. N'aquellas, particularmente m'interessei nas formigas e nas aranhas. De ambas as ordens fiz collecções relativamente boas, sendo de Arachnidos umas 40 especies. Nos jardins dei logo com a *Nephila clavipes* e a *Argyope argentata*, especies grandes e vistosas, com as delicadas teias de *Argyropeira* estendidas entre as folhas das Bromelias, e as de *Gasteracantha hexacantha* nas lorangeiras, além de uma

Epeira menor, proxima de *E. tauricornis* e como esta notavel pelas numerosas tuberosidades do abdomen. O conjunto arachnologico ainda me lembrava fortemente aquelle do Rio de Janeiro, especialmente da zona quente d'aquelle Estado e dos circumvisinhos, ao passo que elle era differente do da Serra dos Orgãos, onde, como eu demonstrei em outro trabalho, os Epeiridae maiores são parcamente representados. As teias eram habitadas por femeas sómente; do sexo masculino d'estas Orbitelarias não se via nada. Esta circumstancia não me podia surprehender muito; era Maio, portanto pleno inverno, e antes de partir do Rio de Janeiro eu tinha notado mais uma vez o mesmo estado de cousas, como em igual periodo dos annos anteriores, e como elle se acha descripto no meu trabalho *Orientação sobre a fauna das aranhas do Brazil* (pag. 240).

A avifauna da Bahia, dá um cunho caracteristico com a sua apparição quotidiana a *lavandeira*, *Fluvicola climacura*, (Vieillot) (mystacea Wied), que á toda a hora e em toda a parte saltita, pelos caminhos, nos jardins, á beira dos regos e riachos, na cumieira das casas, nos fios das linhas telegraphicas, nas torres das numerosas igrejas com seus tectos muitas vezes cobertos de uma vegetação inteira de gramineas e arbustos. Faz-se notar pelo seu colorido, seu vôo elegante e rapido, e sua chilrada garrula quando dous se perseguem e seu character confiado, pois deixa a gente approximar-se a dous passos. Em todo o seu porte e nos seus costumes é com as *Motacillas* europeas que melhor posso comparar este gracioso passaro, que gosta igualmente de abanar a cauda. O individuo adulto, do sexo masculino, é todo branco, com excepção das azas, da cauda e de uma estria desde o olho até o ouvido, que são de côr preta; as femeas e individuos novos são de preto mais desbotado. Já em fins de 1884, quando pela primeira vez pisei na Bahia, este passaro tinha me impressionado e nas minhas visitas posteriores sempre o notei. O mesmo se deu com o ornithologo inglez *Forbes*, em Pernambuco, quando elle veio durante algumas semanas estudar a ornis d'este paiz ¹.

Nas minhas viagens tenho o costume de visitar os mercados, pois são as vezes uma boa eschola de informações sobre os productos naturaes. Assim fiz tambem na Bahia,

¹ *A. Forbes*—B. A. (Prosecutor to the Zoological Society of London) *Eleven Weeks in North-eastern Brazil*, pag. 315, pag. 340.

sempre na esperança de encontrar um sortimento variado de animaes expostos á venda. A variedade durante aquelles dias porém não era muito grande, mas assim mesmo demorava-me quasi todos os dias umas horas, passando em revista os peixes, lulas e polvos no logar, onde os pescadores tem seu centro commercial, e as gaiolas do mercado no cás: Centenas eram os *Papagaios gregos* (*Androglossa aestiva*), de todas as idades, uns com a mancha amarella na fronte ainda muito pequena, outros já com todo o ornato completo de amarello e azul-claro na testa e de encarnado vivo nos encontros, de maneira que formavam magnificas séries para estudos comparativos. Indaguei de onde vinham e, apezar de «o segredo é a alma do negocio» e que os negociantes d'este ramo são aqui, como no resto de toda a parte, bastante desconfiados, soube que vem principalmente do sertão, exactamente como eu já tinha referido detalhadamente no respectivo capitulo da minha monographia sobre as *Aves do Brazil*. Os preços regulavam, na media, o mesmo como no Rio de Janeiro. *Curicas* não havia n'aquelle momento. Tinha lá uns poucos *periquitos-rci* (*Conurus aureus*) e, como artigo mais digno de attenção, dous exemplares jovens da *arara azul* (*Sittace hyacinthina*), ambas ainda sem a zona ocular amarella. De outros passaros quasi nada havia de vivo, com excepção de uns *Currupiões* (*Icterus jamaicai*) e uns cantores menores da familia dos *Fringillideos*, fazendo trivial. Os mammiferos estavam representados unicamente por uns exemplares de *Cebus fatuellus* (Macaco-prego) e de *Hapale penicillata* (sahuy-commum), ao passo que da bella especie bahiana *H. leucocephala* (sahuy de cara branca) nem um especimen pôde descobrir. De outro lado havia umas *giboiás* (*Boa constrictor*) e uma *sucuriú* (*Eunectes murinus*) de meio tamanho, como representantes da classe dos Reptis. Fiz a revisão nas pelles de passaros, que lá na Bahia, como no Sul, certa gente expõe á venda, e que acha sempre boa freguezia nos passageiros em transito dos paquetes transatlanticos, mas não achei objecto algum digno de particular attenção para quem não é novato no terreno da ornithologia brazileira.

Em compensação, foi bastante grande a minha surpresa, quando ao entrar na loja de um negociante allemão, sita na rua principal do commercio da cidade baixa, deparei logo com um riquissimo sortimento de duas das mais curiosas e notaveis especies de coleopteros, que possui a America do Sul. A primeira é o *Hypoccephalus armatus*, typo exquisitissimo de bezouro grande, preto, de pernas grossas e tortas e

com um thorax singularmente alongado, quasi como n'aquelle orthoptero fossante, que na entomologia traz o nome de *Gryllotalpa* e que aqui no Pará e no Maranhão o povo baptisou com a designação trivial de *paca* ou *paquinha* e que os francezes chamam *courtillière*. Faz agora 62 annos sómente que se conhece este coleoptero, do qual durante annos só existia um unico exemplar entre todas as collecções. De quando em vez veio mais um especimen, sempre de proveniencia bahiana, mas ainda quando eu vim para o Brazil, em 1884, pagava-se entre 10 a 20 libras esterlinas por cada exemplar, e me lembra ainda muito bem, com que extremo cuidado e ciume nós guardavamos, na secção zoologica do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, uma pequena caixinha, que continha 4 exemplares do *Hypocephalus*, que um feliz acaso nos tinha posto nas mãos (creio que foi presente de um padre do sertão da Bahia) e dos quaes nem todos eram completos. A posição no systema foi objecto de viva controversa entre as autoridades mais afamadas em entomologia; uns faziam d'elle um Cerambycideo, outros um Scarabaeideo. Eu estava informado, que nos ultimos annos de repente os especimens de *Hypocephalus* appareciam com mais frequencia nos Museus, sempre todos vindos da Bahia. Mas confesso, que fiquei estupefacto, de vêr n'aquella loja logo mais de 50 exemplares, na maioria bonitos e completos, ao preço medio de—2 mil réis. Sei que o singular bezouro habita o sertão limitrophe entre Minas e Bahia, que vive no esterco do gado e que é conhecido pelos sertanejos com o nome trivial de *vaqueiro*. Posso outrosim informar, que os recentes e numerosos achados são devidos principalmente á attenção despertada por um folheto impresso e trazendo o desenho do bezouro—folheto que foi vulgarizado na Bahia por uns entomologistas europeus emprehendedores. Experimentarei o mesmo methodo aqui na Amazonia em relação ao *Lepidosiren paradoxus*, aquelle singular peixe, que tão desejado ainda é em todos os Museus de historia natural. O modo de vida do *Hypocephalus armatus* assim depõe em favor da opinião d'aquelles, que tinham visto n'elle um Scarabaeideo.

O segundo coleoptero era o formoso *Acrocinus longimanus*—insecto grande, com pernas dianteiras descommunalmente alongadas e um desenho bonito, no thorax e nas elytras, de estrias amarelladas sobre um fundo brunno, semelhando um tanto a um mozaico. Este vistoso Cerambycideo, porém não é de longe tão raro, como o primeiro, sem todavia ser commum. Geralmente quando se acha, dá-se logo

com elle em maior numero reunido em pequeno espaço, 6, 9 juntos e os entomologos com alguma pratica da fauna no Brazil sabem perfeitamente que é para os troncos dos *jacueiros* (*Artocarpus integrifolia*) que devem principalmente dirigir a sua attenção. Havia muitos bonitos exemplares na tal loja, regulando na media cinco mil réis o casal, portanto mais que o proprio *Hypocephalus*. Quem teria supposto tal inversão uns dez annos atraz?

Ainda outra surpresa me foi reservada na Bahia. Descobri um modesto lithographo suiso, que durante uns vinte e tantos annos encheu, de modo summamente louvavel, as suas horas vagas, com a observação e criação de lepidopteros e coleopteros bahianos, desenhando e pintando com extrema paciencia e gosto artistico as diversas phases até o insecto perfeito. As estampas do Sr. Carlos Wirz—são umas quarenta—pertencem ao melhor, que eu tenho visto n'este ramo e seriam um real ornamento para uma obra scientifica. O Sr. Wirz tem tido ao mesmo tempo o raro tino e bom senso, de não baptisar como novô tudo o que elle não acha mencionado na sua litteratura deficiente—limitou-se a ser exacto e fiel na representação graphica d'aquillo que elle tinha debaixo dos olhos e julgou, muito acertadamente, que qualquer profissional poderia facilmente fazer uso das suas estampas mesmo sem nomes. É um amator de boa tempera e possui os requisitos de um genuino naturalista. Tive o prazer de poder-lhe indicar talvez uma duzia de nomes systematicos d'estes insectos, cujas metamorphoses magistralmente pintadas, tanta admiração me causavam e o modesto autor me mimoseou com uma d'estas estampas, apresentando aquelle pequeno coleoptero que tantos estragos causa nas fabricas e depositos de charutos, em sua actividade—estampa á qual um dia espero poder dar a merecida publicação.

Durante aquelles dias tive occasião de apreciar, pela primeira vez, como fructa saborosa, a da mangabeira (*Hancornia speciosa*) e de encontrar, com flores e vagens maduras ao mesmo tempo, a *Pointiana* pequena, parente menor do *flamboyant* do Rio de Janeiro, aquella vistosa Papilionacea que tão profusamente é aproveitada lá como arvore de alameda e que de Dezembro em diante com os seus pendões encarnados tanto enfeita as ruas da capital.

O dono do hotel, onde nós estavamos alojados, me offereceu, no dia da partida, tres grandes e magnificos camaleões vivos (*Iguana tuberculata*) que arrumei n'um caixão e os trouxe sãos e salvos até ao Pará (onde hoje ainda vivem

um d'elles, tendo sido os dous outros victimas de uma desgraça casual.)

*

No dia 25 de Maio embarcavamos no *Planeta*, do Lloyd Brasileiro, vapor que não prima justamente pela sua velocidade e que com um astro póde ter algum parentesco pelos seus variados movimentos, sendo porém de notar que o para a frente era do qual a gente menos se podia convencer. Tinha sahido do Rio de Janeiro com uma velocidade de cinco milhas por hora na media e durante todo o resto da viagem nunca chegou a passar o maximo de sete milhas. Allegou o digno commandante que o paquete tinha durante os seis longos mezes da revolta ficado com o casco cheio de mariscos e tinha a esperança que a agua doce do Amazonas havia de desembaraçar um tanto esta carga incommodativa. Parecia-me entretanto que isto não era puramente um defeito da epidermide rugosa e que faltava-lhe tambem alguma cousa nos pulmões. Emfim sempre chegamos em Maceió (27 de tarde), cidade de aspecto sympathico com o seu porto guarnecido de coqueiros, e com mais um dia em Pernambuco (28), onde pela primeira vez achei occasião de saltar, pois que sempre nas viagens transatlanticas anteriores achei-me a bordo de paquetes estrangeiros, que por causa das quarrentenas não se podiam communicar com a terra. Entramos no recife e procuramos vêr aquillo que era possivel no espaço de 24 horas. Olhando para o recife, lembrei-me da louvavel campanha realisada no terreno da zoologia maritima pelos membros da extincta *Commissão geologica do Brazil*, dos Srs. Charles Hartt, Derby e Branner—commissão da qual eu tinha tido em mãos algum material. E entrando na parte antiga da cidade, fiquei singularmente impressionado pelos multiplos vestigios, difficilmente a desconhecer, do estylo architectonico germanico—certas ruas e certos edificios trahem logo a origem hollandeza. Achei-me no logar, onde Markgraf e Piso, dous seculos antes, tinham feito os seus estudos sobre a historia natural do Brazil—os primeiros, que geralmente tem ficado conhecidos e a todo o passo se me apresentaram recordações historicas sobre o memoravel periodo, onde o conde Mauricio de Nassau fundou uma florescente cidade, na qual tanto soube desenvolver a industria, artes e sciencias. Pouco ou nada ficou d'aquelles nobres germens e eu não posso assaz elogiar o extremo zelo e o piedoso cuidado, com que ultimamente o Instituto Historico Pernam-

bucano tem tomado a si a tarefa de desenterrar da escuridão datas e documentos relativos áquelle periodo. Julgo que seria empreza digna de toda a animação reunir uma vez em volume tudo aquillo, que já veiu á luz, graças áquelles pacientes investigadores, e que hoje infelizmente quasi inacessível ainda é pelo esphacelamento litterario.

Estas reminiscencias historicas tiveram um agradavel seguimento a bordo, pois ganhamos como passageiro novo um membro do mencionado Instituto, hoje Juiz de Direito em Rosario do Maranhão, e na conversa com este cavalheiro positivamente muito lucrei. O Sr. Dr. Arthur C. Moreira era para mim um *Baedeker* aberto.

De Pernambuco em diante a costa brazileira era de todo nova para mim e com o mappa na mão e consultando aquillo que na memoria tinha ficado de leituras anteriormente feitas nos melhores autores, entreguei-me de corpo e alma a esta viva lição de geographia pratica, tanto mais que do ponto de vista zoologico a bordo pouco havia a fazer. Dos peixes voadores (*Dactylopterus* e *Exocoetus*), que, como é sabido, n'aquellas alturas tornam-se apparição mais frequente, nenhum quiz-se apresentar a bordo e das *Thalassidromas*, das quaes uma pequena especie taciturnamente fiscalisava a agua agitada e revolucionada pelo effeito propulsorio da helice, especialmente quando o tempo estava mudando, tambem não havia meio de apanhar alguma.

A costa porém, que durante o trajecto ao longo dos Estados da Parahyba e do Rio Grande do Norte quasi constantemente estava á vista, não offerece grandes encantos como paysagem. É monotona, ás vezes por centenas de milhas baixa e apresenta-se qual fita ininterrompida, alvissima no horisonte, quasi sem differenciação de nivel. Em momentos de maior approximação dissolve-se esta fita geralmente em uma associação interminavel de praias arenosas e de collinas, de maior e menor altura, formadas por areia movel, branca ao brilho do sol, a ponto de doer nos olhos, e de vez em quando com parca vegetação de *restinga* typica nos seus topos. Perguntando a uns passageiros oriundos d'estas regiões, me informaram uniformemente que aquella vegetação era constituída principalmente por uma e mesma especie de planta, chamada trivialmente *salsa* e soubemos mais, que a tal *salsa* exercia um benefico effeito no sentido de solidificar os contornos d'estas collinas arenosas e de diminuir assim o poder dos ventos sobre esta areia aliás em eterno movimento.

No porto da Parahyba (30) encostaram umas canôas offerecendo aos passageiros cocos verdes, peixes, e como prova de industria local, apreciamos bastante umas cestinhas graciosas, enfeitadas com rosetas de conchas brancas e côr de rosa, entre as quaes são principalmente aproveitadas a *Tellina exilis* e a *Lucina jamaicensis*, se a minha memoria não me desfallece n'este assumpto conchyliologico. De um pescador, que vinha com um carregamento copioso de conchas maiores, adquirei meia duzia de magnificos exemplares da nossa maior especie de *Cassis* (*C. tuberosa*) por quantia diminuta, ao passo que do gigantesco *Tritoniu* ¹ deixei de comprar dous especimens realmente muito grandes, mas tambem bastante avariados. De bordo eu tinha observado, que a maioria dos coqueiros da India, que guarneciam o porto, tinham um aspecto doentio e pela conversa com os visitantes do logar soube, que uma *praga de bichos* tinha assolado vehementemente este anno a utilissima palmeira. Que bicho será? Até agora tive occasião de conhecer principalmente dous inimigos do coqueiro ¹ um coleoptero—a *Calandra palmarum*—, Cuculionideo preto de tromba comprida, e uma borboleta brunna, com listas amarelladas nas azas—a *Brassolis sophorae*—cujas lagartas eu já tenho visto atacar em numero espantoso esta e outras palmeiras. Não pôde tirar a questão a limpo.

Chegamos depois a Natal (31), capital dô Estado do Rio Grande do Norte—, cidade pouco distante do mar, de aspecto ameno e que, com as suas torres brancas, que apparecem por cima das collinas de areia da visinhança, convida a saltar. Tal não fizemos, porque suppunhamos, que o tempo não chegava. Esta supposição era erronea, e deixo aqui archivado a curiosa coincidencia, que um autor norte-americano escreveu, em 1879, o seguinte topico em relação á sua passagem n'este porto do Rio Grande do Norte: «We have to endure the customary delay here, while mails are exchanged; a Brazilian post-master does nothing in a hurry and commerce and pleasure alike must await his convenience.» ²

Navegando de novo, travei conversa com o pratico da costa sobre as baleias, assumpto sobre o qual uma pessoa,

¹ Descrevi, em 1887, a larva e o desenvolvimento de um coleoptero bastante nocivo ás *Latantias*, nos jardins do Rio de Janeiro;—é o *Alurnus marginatus*. (Zoolog. Jahrbücher, vol. II, pag. 584) Iena.

² H. Smith, Brazil, the Amazons and the Coast (London 1879) pag. 436. (Livro dedicado ao geographo e naturalista paraense D. S. Ferreira Penna).

que mais de vinte annos viaja e 3, 4 vezes cada anno n'estas paragens necessariamente deve saber alguma cousa. Affirmou-me, que ellas principalmente apparecem de Dezembro em diante e que costumam encontrar-se as mais das vezes a umas 20 milhas da costa. Com os cearenses, que iam comnosco, informei-me sobre o peixe *camarupim*, do qual os filhos d'aquella terra tanto caso fazem, e sobre a *pomba de bando*, de cuja frequencia phenomenal o Sr. Antonio Bezerra de Menezes me tinha anteriormente feito tão viva e eloquente descripção, que reproduzi no respectivo capitulo do meu livro. Diversos me prometteram material sobre estes e outros assumptos e quero crêr que, mais cedo ou mais tarde, cumpram com a sua promessa.

Pouco a pouco dobramos o cabo de São Roque e com elle o ponto oriental do continente sul-americano, onde a costa assume de uma vez direcção noroeste. Quem esperasse vêr n'este cabo um imponente promontorio, profundamente desapontado ficaria, pois não se differencia, de modo algum na sua physiognomia, da costa arenosa, observado nos dias anteriores e acima caracterisada. O littoral cearense ainda se apresenta debaixo da mesma configuração, com a differença que de vez em quando apparecem, mais retiradas para o interior, umas serras azuladas de differentes alturas, sobresahindo especialmente a Serra de Baturité—região montanhosa que parece ser a parte menos flagellada d'este celebre Estado e possibilitar a rendosa lavoura de café e legumes. Finalmente tinhamos chegado em frente de Fortaleza (1 de Junho), que os cearenses com orgulho chamam uma das mais bonitas cidades do Brazil. De facto o aspecto do lado do mar é bellissimo, tanto de dia como de noite. Minhas circumstancias não me permittiram saltar em terra. Como é sabido, não tem porto e o desembarque nem é facil nem agradável, especialmente com máo tempo, apesar da distancia ser curta. Lembrei-me da plastica descripção, que Gonçalves Dias deu do desembarque penoso, na occasião em que lá chegou a *Commissão de Exploração do Ceará*, da qual era o historiador official (4 de Fevereiro de 1859).

O Ceará d'esta vez não quiz passar por secco; chovia torrencialmente e os visitantes traziam a cada momento noticias de enchentes desastrosas, pontes arrancadas, trechos de estradas de ferro interrompidos, casas desmoronadas, de maneira que parecia haver completa inversão do estado normal. Nos momentos de treguas as scenas na proxima praia, o furor das ondas no quebra-mar principiado e já parcialmente

sepultado na areia, as jangadas dos pescadores e uma verdadeira chusma de *medusas* bellissimas, todas de um e mesmo genero e especie (*Aurelia*), mas de variadas edades e diametros, que cercavam o nosso paquete, e com o seu habitual rhythmo stoico contrahiam e afrouxavam seus hyalinos discos, eram para nós objectos gratos de observação que não cansavam. «Agua-vivas» ouvi, em seu tempo chamar os pescadores no Tejo ás magestosas *Rhizostomas*, que em igual abundancia costumam ser vistas em frente de Lisboa e devo confessar, que sempre achei bastante significativa como designação generica para as graciosas medusas este nome trivial portuguez.

Litteralmente atopetado ficou o convez do nosso *Plancta* com os cearenses, que como passageiros de terceira classe queriam ir para os seringaes da Amazonia, indicando talvez perto da metade como destino escolhido o Rio Purús. Eram perto de 700, quando o vapor, tomando por norma algum raciocinio humanitario, talvez não comportasse a terça parte d'este numero!

Claro é que a continuação da viagem devia tornar-se in commodissima e ninguem ousava reflectir na angustiosissima situação que poderia resultar de semelhante — imprudencia em caso de um desastre no alto mar á vista da palpavel desproporção entre a maxima lotação de botes de salvação e o exagerado numero de passageiros. São cousas que fazem arripiar os cabellos!

Bastante carregado, repleto de gente e com o convez n'um entulho indescriptivel de redes, bahús, carga que não cabia mais no porão, fazia-se o nosso vapor mais para o largo (2 de Junho), de sorte que da costa, nos dias consecutivos, pouco nos foi visivel. Quando nós nos approximamos d'aquella tira estreita, com a qual o Estado do Piauhy hoje participa da peripheria atlantica, o littoral tinha assumido uma outra physiognomia, que se conservou então por todo o Norte. Era baixo ainda, mas as praias arenosas eram substituidas por uma pujante vegetação de matto mais alto, de um viçoso verde, agradável á vista. Passamos uma noite em frente á Amarração (3 a 4 de Junho), porto do Piauhy e situado na embocadura do Rio Parnahyba, ancorados talvez á distancia de uma meia hora d'aquelle logarejo, composto, ao que parece, de pequeno numero de casas meio escondidas entre palmeiras e o ininterrompido matto do fundo.

Durante todo o trajecto até São Luiz do Maranhão vi predominar n'esta matta do littoral certa arvore de meia

altura e copa frondosa, que os companheiros de viagem, filhos d'estes Estados, declaram unanimemente ser o *Muricy*.

Desde que cheguei aqui no Pará tive occasião de conhecer de perto o que pelo Norte se designa com semelhante nome—são *Byrsonimas*, da familia das Malpighiaceas, membros de um genero, que conta mais de quarenta especies aqui no Brazil. Convenci-me igualmente, que não é a mesma arvore que se conhece no Sul debaixo de identico nome indigena; o *Muricy*, tão frequente na Serra dos Orgãos e n'aquellas alturas por assim dizer a madeira a mais aproveitada entre as *brancas* nas construcções, é evidentemente outra planta, já pelo seu habitus exterior, embora nunca tivesse occasião de encontrar suas flores e seus fructos. Os *muricys* do Brazil septentrional são, como já pôde observar amplamente, muito procurados por innumerados passaros de todos os tamanhos e de diversas familias por causa dos seus fructos pequenos, em fórma de cereja miuda, que tem um caroço duro, redondo, envolvido n'uma polpa amarella, de gosto bastante insipido ¹.

Os numerosos baixos que guarnece a terra natal de Gonçalves Dias, são objecto de justo receio dos navegantes, que tratam de contornal-a mais fóra, pelo alto mar. A entrada do porto de Maranhão (5) é difficillima e durante um dia tivemos ensejo, de vêr que o nosso paquete, ancorado n'um canal estreito, a um quarto de hora em frente de São Luiz, estava no meio de verdadeiro labyrintho de bancos de areia que na vasante surgiram como cogumellos sobre a su-

¹ Não é sem interesse a explicação etymologica dada por Martius (Flora brasiliensis, Fasc. 21, pag. 121) do nome *Muricy*. « Avibus et mammalibus herbivoris, praesertim gliribus, samarae abunde maturescentes et baccae, imprimis generis *Byrsonimae*, nutrimento sunt. Neque Indianus has baccae repudiat, quamvis voracitatem ejus sedare non sufficiant. Quod nomen ipsum tupicum: Muricí, Murecy, Morecy significare videtur (je-moroó) *nutrio* et *cy* (*iniquus, invitus*)—ergo: *parce nutriens* ». Escreve na mesma occasião que a primeira das duas palavras componentes encontra-se ainda em outros nomes triviaes de plantas brazileiras, como em Murú-murú (*Astrocaryum murumuru*) (*Palmae*), « more linguae tupicae, quae vocabulo repetito pro augmentativo utitur, *probe nutriens* », e em « murú-cujá » (*Passiflora*), « in vase (cujá) nutriens significat ». Explica Martius a grande distribuição das arvores d'este grupo sobre extensão tão grande na America do Sul pela intervenção inconscia dos Indios: « Verisimiliter Indiani ex antiquissimis temporibus terras pervagantes fructusque edules harum specierum edentes eas longe lateque sparserunt quum semina intestina permeantia germinandi facultatem non perderent. Mos Indianorum communis est excrementa, ubi dejecta sunt, instar felium vel ipsos terra obtegere vel per alios, praecipue liberos, tegenda curare. Ita nostratium adagio cynegetico: *Turdus malum sibi cacat* (viscum edendo) addi possit: Indus pomum. »

perficie. As embarcações á vela, que voltaram do largo, já de manhã com remunerativo resultado de pescaria, um grupo de uns doze rapazes, occupados em preparar, lançar e retirar uma enorme *rêde de arrastão* n'um banco de areia proximo, os urubús que pairavam em numero consideravel sobre a cidade, uma ou outra borboleta que de terra nos vinha fazer rapida visita a bordo, a ida e vinda de botes, uns com fructas, outros com rendas e rêdes para a venda, tudo isto servia para nos distrahir soffrivelmente.

Mais uma vez poz-se o nosso *Planeta* em marcha (5 de Junho, ás 7 horas da tarde) e os dous dias seguintes, onde não havia que vêr se não ceu e agua, já nos pareciam interminaveis. Passamos ás ondas turvas que o Rio Gurupy despeja para o oceano atlantico e com crescente impaciencia aguardavamos aguas francamente amazonicas. Com verdadeiro jubilo vimos emergir ao longe uma ponta da ilha de Marajó, o cabo de Magoarí e pouco a pouco entramos no braço meridional do grandioso rio. Um archipelago de ilhas appareceu successivamente, e mais e mais approximavam-se as margens e com distincção e nitidez palpavel já surgiam, do aprazivel Pinheiro em diante, beiras idyllicas, onde habitações abastadas alternavam com ranchos cobertos de palha e ambos com parcelas de matto virgem e graciosos grupos do *Assay* e outras formosas palmeiras sem conta. A paysagem do Rio Guajará nos lembrou vivamente a da foz do Gironde, entre Pauillac e Bordeos—com a differença todavia, que na luxuriança da vegetação aquella bella região franceza naturalmente não póde competir com a Amazonia.

Era pelas cinco horas da tarde, do dia 7 de Junho, quando o *Planeta* ancorava em frente de Belém do Pará—nosso porto de destino, e, gratos pela feliz, embora longa e incommoda viagem, e com confiança no futuro, baldeamos para a lancha, que a attenciosa gentileza do chefe do Governo d'esta futura terra, tinha mandado ao nosso encontro.

NOTICE

The editors of the BOLETIM DO MUSEU PARAENSE kindly ask for the EXCHANGE OF PUBLICATIONS issued both by Academies, Scientific Societies, Museums, Institutes, Universities and Schools of Technology and by Naturalists, and Specialists, and specify the literature that they wish to obtain, in the following way :

a) Papers treating of any of the branches of NATURAL HISTORY, especially ZOOLOGY, BOTANY and GEOLOGY works relating to South-America, Brazil and Amazonia.

b) Papers treating of ETHNOGRAPHY, GEOGRAPHY, JOURNEYS, EXPLORATIONS, CLIMATOLOGY and AGRICULTURE of Brazil and neighbouring countries.

There will be a bibliographic section, in which we will give an account of memoirs, pamphlets, books and reviews received, and where we will make some short critical notes in case it should be desired. We call special attention to the circular letter on page 8 and to the invitation for collaboration expressed in it, asking, however for a previous understanding with the editors as to subject, and size of articles and bearing always in mind that we meet, for the present, with serious difficulties in Pará about illustrations.

Prière d'échange de publications

Bitte um Schriften austausch

- Myiodynastes maculatus** (Müll.)
Myiodynastes maculatus maculatus (P. L. S. Müller)
- Myiodynastes solitarius** (Vieill.)²³⁴
- Sirystes albocinereus** Scl. & Salv.
Sirystes sibilator albocinereus Scl. & Salv. (Rio Purus)
Sirystes sibilator subcanescens Todd (Rio Jamundá)
- * **Megarynchus pitangua** (L.)
Megarynchus pitangua pitangua (Linn.)
- Conopias parva** (Pelz.)
Coryphotriccus parvus parvus (Pelzeln)
- Conopias** spec. nov.²³⁵
Conopias trivirgata berlepschi Sneathlage
- Pitangus sulphuratus** (L.)
Pitangus sulphuratus sulphuratus (Linn.)
- Pitangus lictor** (Licht.)
Pitangus lictor lictor (Lichtenstein)
- Myiozetetes cayanensis** (L.)
Myiozetetes cayanensis cayanensis (Linn.)
- Myiozetetes similis** (Spix)
Myiozetetes similis similis (Spix)
- Myiozetetes granadensis** Lawr.
Myiozetetes granadensis obscurior Zimmer
- Myiozetetes luteiventris** (Scl.)
- * **Tyrannopsis sulphurea** (Spix)
- Myiarchus tyrannulus** (Müll.)
Myiarchus tyrannulus bahiae Berlepsch & Leverkühn
- Myiarchus ferox** (Gm.)
Myiarchus ferox ferox (Gmelin)
- Myiarchus tricolor** Pelz.
Myiarchus tuberculifer clarus Zimmer (Rio Tapajós, Arumanduba, Rio Maecuru, Óbidos, Rio Jamundá)
 ? *Myiarchus tuberculifer tricolor* Pelzeln (Quatipuru)
- Myiarchus pelzelni** Berl.
Myiarchus swainsoni pelzelni Berlepsch ²³⁶

(²³⁴) Tido por Zimmer (Amer. Mus. Novit., N.º 963) e outros como raça geográfica de *M. maculatus* (Müller).

(²³⁵) Já mencionada no "Catálogo" (Apendice, p. 499) como *Conopias trivirgata berlepschi* Sneathl.

(²³⁶) Impossível discriminar, entre os exemplares mencionados por Sneathlage os que pertencem a esta raça e os que deveriam ser referidos a *M. swainsoni amazonus* Zimmer, que também se diz ocorrer no baixo Tapajós.

Empidonax euleri Cab.*Empidonax euleri euleri* Cabanis**Empidonax lawrencei** All.*Empidonax lawrencei bolivianus* Allen**Empidochanes fuscatus** Wied*Empidochanes fuscatus fumosus* Berlepsch**Empidochanes fuscatus bimaculatus** (Lafr. & D'Orbigny)*Empidochanes fuscatus bimaculatus* (Lafresnaye & D'Orbigny)
(Rio Purus)*Empidochanes fuscatus fumosus* Berlepsch (Arumanduba, Igarapé de Paituna, Óbidos)*Empidochanes fuscatus fuscator* Chapman (Rio Tapajós)²³⁷**Empidochanes poecilocercus** Pelz.*Phaeotriccus poecilocercus* (Pelzeln)**Myiobius barbatus** (Gm.)*Myiobius barbatus barbatus* (Gmelin) (Rio Jari, Óbidos)*Myiobius barbatus insignis* Zimmer (Benevides, Apeú, Sta. Isabel, Rio Guamá, Rio Tocantins, Rio Xingu, Rio Tapajós, Rio Jamauchim)**Myiobius barbatus xanthopygus** (Spix)*Myiobius barbatus amazonicus* Todd**Myiophobus fasciatus** (Müll.)*Myiophobus fasciatus flammiceps* (Temm.)**Terenotriccus fulvicularis** Salv. & Godm.*Terenotriccus erythrurus fulvicularis* Salvin & Godman²³⁸**Terenotriccus erythrurus** (Cab.)*Terenotriccus erythrurus erythrurus* (Cabanis) (Rio Jari, Óbidos)*Terenotriccus erythrurus hellmayri* (Snethlage) (Mocajatuba, Providência, Sta. Isabel, Peixe-Boi, Rio Guamá, Rio Tocantins)*Terenotriccus erythrurus amazonus* Zimmer (Rio Jamauchim, Rio Tapajós)**Hirundinea ferruginea** (Gm.)*Hirundinea ferruginea ferruginea* (Gmelin)**Onychorhynchus coronatus** (Müll.)*Onychorhynchus coronatus coronatus* (P. L. S. Müller)

(²³⁷) A discriminação dos espécimes de Snethlage baseia-se aqui nas conclusões de Griscom & Greenway (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, 1941, pág. 280).

(²³⁸) Estranho à Amazônia brasileira.

Cnipodectes subbrunneus Scl.*Cnipodectes subbrunneus minor* Sclater**Craspedoprion olivaceus** (Temm.)*Rhynchocyclus olivaceus guianensis* Mc. Connell**Rhynchocyclus sulphureus** (Spix)? *Tolmomyias sulphureus mixtus* Zimmer (Sta. Isabel, Rio Tocantins, Rio Curuá, Rio Tapajós)²³⁹? *Tolmomyias sulphureus insignis* Zimmer (Rio Jari)**Rhynchocyclus poliocephalus** Pelz.*Tolmomyias poliocephalus poliocephalus* (Pelzeln)**Rhynchocyclus poliocephalus sclateri** (Hellm.)*Tolmomyias poliocephalus sclateri* (Hellmayr)**Rhynchocyclus viridiceps** Scl. & Salv.*Tolmomyias flaviventris viridiceps* (Sclater & Salvin)**Rhynchocyclus flaviventer** (Wied)*Tolmomyias flaviventris dissors* Zimmer (Rio Tocantins, Rio Tapajós, ? Ilha de Marajó)*Tolmomyias flaviventris collingwoodi* (Chubb) (Monte Alegre, Rio Maecuru, Óbidos, Rio Jamundá)**Rhynchocyclus flaviventer borbae** Hellm.*Tolmomyias flaviventris viridiceps* (Scl. & Salv.)²⁴⁰* **Ramphotrigon ruficauda** (Spix)* **Platyrinchus griseiceps** Salv.*Platyrinchus senex griseiceps* Salvin* **Platyrinchus griseiceps amazonicus** Berl.*Platyrinchus senex amazonicus* Berlepsch* **Platyrinchus saturatus** Salv. & Godm.* **Platyrinchus coronatus** Scl.*Platyrinchus coronatus coronatus* Sclater* **Platyrinchus superciliaris** Lawr.*Platyrinchus coronatus gumia* (Bangs & Penard)

(239) É incerta a determinação dos exemplares alistados por Sneathlage, uma vez que, conforme revelou Zimmer (Amer. Mus. Novit., N.º 1.045), os autores confundiam até então *Tolmomyias sulphureus* com outra forma especificamente distinta, a que chamou *T. flavotectus*. Vide os comentários de Griscom & Greenway sobre este assunto, em Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, pág. 284 (1941).

(240) Sobre a sinonímia entre *Tolmomyias fl. viridiceps* (Scl. & Salv.) e *T. fl. borbae* (Hellm.) cf. Zimmer, Amer. Mus. Novit., N.º 1045, p. 15.

- Todirostrum cinereum** (L.)
Todirostrum cinereum cinereum (Linn.)
- Todirostrum illigeri** (Caban. & Heine)
Todirostrum chrysocrotaphum illigeri (Cabanis & Heine)
- Todirostrum chrysocrotaphum** Strickl.
Todirostrum chrysocrotaphum neglectum Carriker
- Todirostrum pictum** Salv.
- Todirostrum guttatum** Pelz.
Todirostrum chrysocrotaphum guttatum Pelzeln
- Todirostrum maculatum** (Desm.)
Todirostrum maculatum maculatum (Desm.)
- Todirostrum maculatum signatum** Scl. & Salv.
- Todirostrum schulzi** Berl.
Todirostrum sylvia schulzi Berlepsch
- Todirostrum latirostre** (Pelz.)²⁴¹
- Todirostrum senex** Pelz.²⁴²
- Snethlagea minor** (Snethl.)
- Euscarthmus zosterops** Pelz.
Euscarthmornis zosterops zosterops (Pelzeln)
- Euscarthmus iohoannis** Snethl.
Euscarthmornis striaticollis iohoannis (Snethlage)
- Euscarthmus griseipectus** Snethl.
Euscarthmornis zosterops griseipectus (Snethlage)²⁴³
- Euscarthmus striaticollis** (Lafr.)
Euscarthmornis striaticollis griseiceps Todd
- Euscarthmus inornatus** Pelzeln
- Lophotriccus spicifer** (Lafr.)²⁴⁴
Lophotriccus viliosus (subsp.?)

(241) É ainda muito imperfeito o conhecimento das raças geográficas desta espécie, três das quais são mencionadas na Amazônia brasileira pelo "Catálogo das Aves do Brasil" de Pinto (p. 226-7). Posteriormente, o conde Nils Gyldenstolpe (Bds. Rio Juruá, p. 248), aceita como válida a muito discutida raça *T. latirostre difficile* Todd, 1937, descrita do Rio Purus.

(242) Esta espécie, que Hellmayr (Catal. Bds. Americas, pte. V, Publ. 242 do Field Mus. of Nat. Hist., p. 308) diz ser muito distinta, escapou inexplicavelmente ao "Catálogo" de Pinto.

(243) Sobre esta forma em suas relações com as afins cf. J. T. Zimmer, Amer. Mus. Novit., N.º 1066, p. 14 (1940).

(244) Apesar dos estudos feitos nestes últimos anos, continua incerta a classificação dos espécimes alistados por Snethlage sob o nome de *Lophotriccus spicifer* (Lafr.), que de resto prova ser um sinônimo de *Colopteryx galeatus* (Boddaert). Cf. Zimmer, op. cit., p. 20.

- Lophotriccus squamicristatus** (Lafr.)
Lophotriccus pileatus squamaecrista (Lafresnaye)²⁴⁵
- Colopteryx galeatus** (Bodd.)
- Perissotriccus ecaudatus** (Lafr. & D'Orb.)
Perissotriccus ecaudatus ecaudatus (Lafresn. & D'Orbigny)
- Capsiempis flaveola** (Licht.)
Capsiempis flaveola flaveola (Lichtenstein)
- Serpophaga subflava** Scl. & Salv.
Inezia subflava subflava (Sclat. & Salvin)
- Serpophaga pallida** Sneathl.
Serpophaga hypoleuca pallida Sneathlage
- Stigmatura budyoides** (Lafr. & D'Orb.)
Stigmatura budyoides napensis Chapman
- Suiriri affinis** (Burm.)
Suiriri affinis affinis (Burmeister)
- Elaenia flavogaster*** (Thunb.)
Elaenia flavogaster flavogaster (Thunberg)
- Elaenia flavogaster spectabilis** Pelz.
Elaenia flavogaster flavogaster (Thunberg)
- Elaenia pelzelni** Berl.
- Elaenia cristata** Pelzeln
- Elaenia ruficeps** Pelz.
- Elaenia chiriquensis** Lawr.
Elaenia chiriquensis albivertex Pelzeln
- Elaenia albiceps** (Lafr. & D'Orb.)
Elaenia albiceps chilensis Hellmayr
- Elaenia parvirostris** Pelz.
- * **Elaenia gaimardii** (D'Orb.)
Myiopagis gaimardii gaimardii (D'Orbigny)
- * **Elaenia gaimardii guianensis** Berl.
Myiopagis gaimardii guianensis Berlepsch
- Elaenia flavivertex** Scl.
Myiopagis flavivertex (Sclater)

(245) Esta raça parece estranha à Amazônia brasileira, em cuja porção mais ocidental (alto Juruá), não obstante, *L. pileatus* Tschudi parece-me estar representada por *L. p. hypochlorus* Berl. & Stolzm. Cf. Pinto, Cat. Av. Brasil, 2.^a parte, p. 238.

- Elaenia viridicata** (Vieill.)
Myiopagis viridicata viridicata (Vieillot)
- Elaenia cinerea** Pelz.
Myiopagis caniceps cinerea (Pelzeln)
- Sublegatus fasciatus** (Thunb.)
Sublegatus modestus sordidus Zimmer
- Phaeomyias murina incomta** (Cab. & Heine)
Phaeomyias murina wagaie (Taczanowski)
- Tyranniscus gracilipes** Scl. & Salv.
Tyranniscus acer Salvin & Godman²⁴⁶
- Tyrannulus elatus** (Lath.)
- Ornithion inerme** Hartl.
- Ornithion pusillum** (Caban. & Heine)
Camptostoma obsoletum napaeum (Ridgway)
- Leptopogon peruvianus** Scl. & Salv.
Leptopogon amaurocephalus peruvianus Scl. & Salv.²⁴⁷
- Mionectes oleagineus** (Licht.)
Pipromorpha oleaginea oleaginea (Lichtenstein)²⁴⁸

Família CORVIDAE

- * **Cyanocorax diesingii** Pelz.
Cyanocorax chrysops diesingii Pelzeln
- Cyanocorax violaceus** Du Bus

Família ICTERIDAE

- Clypeicterus oseryi** (Dev.)²⁴⁹
- Ocyalus latirostris** (Swains.)²⁵⁰

(²⁴⁶) Para Zimmer (Amer. Mus. Novit., N.º 1109, p. 23), *T. acer* seria uma raça geográfica de *T. gracilipes*. Cf. Pinto, Catál. Av. Bras., 2.ª pte., p. 296.

(²⁴⁷) No Brasil não consta a ocorrência desta raça de *L. amaurocephalus* Tschudi, cuja forma típica é todavia encontrada no Maranhão e no sul de Mato Grosso (Corumbá).

(²⁴⁸) É quase certo que só uma parte dos exemplares de *Snethlage* se incluem nesta raça, os demais pertencendo a *Pipromorpha macconnelli amazona* Todd, que é muito parecida com a primeira.

(²⁴⁹) Espécie de leste do Equador e do Peru, aparentemente estranha à Amazônia brasileira.

(²⁵⁰) Espécie cuja ocorrência na Amazônia brasileira só muito recentemente parece ter sido comprovada, através de exemplares colecionados em agosto de 1936 no alto Juruá pelo sr. A. Olalla e estudados pelo conde Nils Gyldenstolpe (Bds. Rio Juruá, p. 293).

Gymnostinops bifasciatus (Spix)

* **Gymnostinops yuracares** (Lafr. & D'Orb.)

Gymnostinops yuracares yuracares (Lafresnaye & D'Orbigny)

Xanthornus decumanus Pall.

Ostinops decumanus decumanus (Pallas) (Amapá, Cunani)

Ostinops decumanus maculosus Chapman (Rio Tocantins, Rio Purus, Marajó)

Xanthornus viridis (Müller)

Ostinops viridis viridis (P. L. S. Müller)

Xanthornus angustifrons (Spix)

Ostinops angustifrons angustifrons (Spix)

Cacicus cela (L.)

Cacicus cela cela (Linn.)

Cacicus haemorrhous (L.)

Cacicus haemorrhous haemorrhous (Linn.)

Amblycercus solitarius (Vieill.)

Archiplanus solitarius (Vieillot)

Cassidix oryzivora (Gm.)

Psomocolax oryzivorus oryzivorus (Gmelin)

Dolichonyx oryzivorus (L.)

Molothrus bonariensis (Gm.)

Molothrus bonariensis bonariensis (Gmelin)

Molothrus atronitens Cab.

Molothrus bonariensis riparius Griscom & Greenway

* **Agelaius cyanopus** Vieill.

* **Agelaius icterocephalus** (L.)

Agelaius icterocephalus icterocephalus (Linn.)

* **Agelaius frontalis** Vieill.

Agelaius ruficapillus frontalis Vieillot

Gymnomystax mexicanus (L.)

Icterus chrysocephalus (L.)

Icterus cayanensis (L.)

Icterus cayanensis cayanensis (Linn.)

Icterus hauxwelli Scl.

Icterus croconotus croconotus (Wagler)

Icterus xanthornus (Gm.)

Icterus nigrogularis nigrogularis (Hahn)

Icterus croconotus (Wagl.)*Icterus croconotus croconotus* (Wagl.)**Lamprosar tanagrinus** (Spix)*Lamprosar tanagrinus tanagrinus* (Spix)

Família FRINGILLIDAE

Guiraca rothschildi Bartl.*Cyanocompsa cyanea rothschildi* (Bartlett)**Oryzoborus angolensis brevirostris** Berl.*Oryzoborus angolensis torridus* (Scopoli)**Oryzoborus crassirostris** (Gm.)*Oryzoborus crassirostris crassirostris* (Gmelin)**Sporophila grisea** (Gm.)²⁵¹*Sporophila schistacea longipennis* Chubb**Sporophila leucoptera aequatorialis** Sneath.*Sporophila leucoptera mexicanae* Hellmayr**Sporophila plumbea whiteleyana** Sharpe**Sporophila castaneiventris** Cab.²⁵²**Sporophila minuta** (L.)*Sporophila minuta minuta* (Linn.)**Sporophila bouvreuil** (Müll.)*Sporophila bouvreuil bouvreuil* (Müller)**Sporophila americana** (Gm.)*Sporophila americana americana* (Gmelin)**Sporophila caerulescens** (Vieill.)*Sporophila caerulescens caerulescens* (Vieillot)**Sporophila gutturalis** (Licht.)**Sporophila bouvronides** (Less.)? *Sporophila lineola* (L.)²⁵³**Sporophila lineola** (L.)* **Volatinia jacarina** (L.)*Volatinia jacarina jacarina* (L.)

(²⁵¹) Cf. Pinto, Catal. Av. Bras., 2.^o pte., p. 612 (1944).

(²⁵²) As aves da margem meridional do Rio Amazonas foram separadas por Todd como raça particular, sob a denominação de *S. castaneiventris rostrata*.

(²⁵³) Como alhures (Catal. Aves do Brasil, 2.^o pte., p. 623, nota 3) ficou dito, tenho pouca dúvida em que *Sp. bouvronides* seja a mesma *Sp. lineola*.

Volatinia jacarina splendens (Vieill.)²⁵⁴* **Sicalis goeldii** Berl.*Sicalis columbiana goeldii* Berl.**Serinopsis arvensis chapmani** (Ridg.)*Sicalis luteola flavissima* Todd ²⁵⁵**Brachospiza capensis** (Müll.)*Zonotrichia capensis tocantinsi* Chapman ²⁵⁶**Myospiza manimbe** (Licht.)*Myospiza humeralis humeralis* (Bosc)**Myospiza aurifrons** (Spix)*Myospiza aurifrons aurifrons* (Spix)**Emberizoides herbicola** (Vieill.)? *Emberizoides herbicola sphenurus* (Vieillot)²⁵⁷**Coryphospingus cucullatus** (Müller)*Coryphospingus cucullatus cucullatus* (P. L. S. Müller)**Paroaria gularis** (L.)*Paroaria gularis gularis* (Linn.)

Família T A N A G R I D A E (= THRAUPIDAE)

Euphonia cyanocephala (Vieill.)*Tanagra musica intermedia* (Chubb)**Euphonia aurea** (Pall.)*Tanagra chlorotica chlorotica* Linn.**Euphonia aurea violaceicollis** (Cab.)*Tanagra chlorotica serrirostris* (Lafresn. & D'Orbigny)**Euphonia olivacea** Desm.*Tanagra minuta mellea* Bangs & Penard**Euphonia xanthogaster** Sundelev.? *Tanagra xanthogaster dilutior* Zimmer**Euphonia xanthogaster brevirostris** Bp.²⁵⁸

(²⁵⁴) Para Griscom & Greenway (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 335) todas as populações de *V. jacarina* distribuídas pelo baixo Amazonas pertencem à forma típica.

(²⁵⁵) Esta forma abrange as populações de que o Catálogo refere exemplares, ficando a raça *chapmani* restrita à região do Tapajós.

(²⁵⁶) Raça que Hellmayr e outros acham inseparável de *Z. capensis capensis* Linn., cuja pátria típica admite-se ser a Guiana Francesa.

(²⁵⁷) Têm alguns autores como provável pertençam as aves do baixo Amazonas a raça não descrita.

(²⁵⁸) O único registro autêntico da ocorrência desta raça em solo do Brasil parece dever-se a Zimmer (Amer. Mus. Novit., N.º 1225, p. 6), que refere dois exemplares do Rio Uaupés.

- Euphonia violacea** (L.)
Tanagra violacea violacea (Linn.)
- Euphonia laniirostris** (Lafr. & D'Orb.)
Tanagra laniirostris laniirostris (Lafrs. & D'Orb.)
- Euphonia melanura** Scl.
Tanagra laniirostris melanura (Sclater)
- Euphonia rufiventris** (Vieill.)
- Euphonia cayennensis** (Gm.)
Tanagra cayennensis Gmelin
- Euphonia chrysopasta** Scl. & Salv.
? *Tanagra chrysopasta nitida* Penard ²⁵⁹
- Euphonia plumbea** Du Bus
Tanagra plumbea (Du Bus)
- Tanagrella velia signata** Hellm.
- Tanagrella iridina** Hartl.
Tanagrella velia iridina Hartlaub
- Tanagrella callophrys** (Cab.)
- Calospiza paradisea coelicolor** Scl.
Tanagra chilensis coelicolor (Sclater)
- Calospiza chilensis** (Vig.)
Tanagra chilensis chilensis (Vigors)
- * **Calospiza schrankii** (Spix)
Tanagra schrankii (Spix)
- Calospiza punctata** (L.)
Tanagra punctata punctata (Linn.)
- Calospiza xanthogastra** (Scl.)
Tanagra xanthogastra xanthogastra (Scl.)
- Calospiza virescens** (Scl.)
Tanagra varia (P. L. S. Müller)
- Calospiza nigrinicta** (Bp.)
Tanagra nigro-cincta nigro-cincta (Bonaparte)
- Calospiza mexicana** (L.)
Tanagra mexicana mexicana (Linn.)
- Calospiza boliviana** Bp.
Tanagra mexicana boliviana (Bonap.) (Rio Purus)

(²⁵⁹) Griscom & Greenway (1941, op. cit., p. 323) têm as populações da margem norte do baixo Amazonas como raça perfeitamente distinta de *T. c. nitida* Penard, cuja pátria típica é a Guiana Holandesa.

Tangara mexicana lateralis Todd (Providência, Cussari, rios Moju, Tocantins, Jamauchim e Tapajós)

Calospiza gyroloides catharinae Hellm.
Tangara gyrola catharinae (Hellmayr)

Calospiza albertinae (Pelz.)
Tangara gyrola albertinae (Pelzeln)

Calospiza huberi Hellm.
Tangara cayana huberi (Hellmayr)

Calospiza cayana (L.)
Tangara cayana cayana (Linn.)

Tanagra episcopus L.
Thraupis episcopus episcopus (Linn.)

Tanagra coelestis Spix
Thraupis episcopus coelestis (Spix)

Tanagra palmarum melanoptera Scl.²⁶⁰
Thraupis palmarum melanoptera (Sclater)

* **Ramphocelus carbo** (Pall.)
Ramphocelus carbo carbo (Pallas)

* **Ramphocelus nigrogularis** (Spix)²⁶¹

* **Piranga saira** (Spix)
Piranga flava saira (Spix)

Cyanicterus cyanicterus (Vieill.)

Phoenicothera rubra peruviana Tacz.
Habia rubica peruviana (Taczanowski)²⁶²

Lanio versicolor (Lafr. & D'Orb.)
Lanio versicolor versicolor (Lafresnaye & D'Orbigny)

Lanio versicolor parvus Berl.

Lanio atricapillus (Gm.)
Lanio fulvus (Boddaert)

Tachyphonus rufus (Bodd.)

Tachyphonus luctuosus Lafr. & D'Orb.
Tachyphonus luctuosus luctuosus Lafresn. & D'Orbigny

(²⁶⁰) As aves da região de Belém apresentam caracteres intermediários e quiçá mais aproximados dos de *T. palmarum palmarum* (Wied).

(²⁶¹) Griscom & Greenway advogam a separabilidade das aves do baixo Amazonas (Obidos, Santarém) em raça particular, com base em diferenças cujo valor é contestado por Gyldenstolpe (Bds. Rio Juruá, 1945, p. 313).

(²⁶²) Há grande dúvida sobre a validade de *H. rubica hesterna*, Griscom & Greenway, nome proposto para as aves do baixo Amazonas, da margem direita do baixo Tapajós para leste.

- * **Tachyphonus phoenicius** Sw.
Tachyphonus cristatus brunneus Spix.
Tachyphonus cristatus cristatellus Scl.
Tachyphonus cristatus cristatus (Linn.)
Tachyphonus cristatus madeirae Hellm.
Tachyphonus surinamus (L.)
Tachyphonus surinamus surinamus (Linn.)
Tachyphonus surinamus insignis Hellm.
Tachyphonus surinamus napensis Lawr.²⁶⁴
Tachyphonus rufiventris (Spix)
Tachyphonus metallactus Oberholser
Eucometis penicillata (Spix)
Eucometis penicillata penicillata (Spix)
Eucometis albicollis (Lafr. & D'Orb.)
Eucometis penicillata albicollis (Lafresn. & D'Orbigny)
Hemithraupis flavicollis (Vieill.)
Hemithraupis flavicollis flavicollis (Vieill.)²⁶⁵
Hemithraupis flavicollis centralis (Hellm.)
Hemithraupis guira nigrigula (Bodd.)
Hemithraupis guira guira (Linn.) (Rio Moju, Rio Tocantins)
Hemithraupis guira nigrigula (Boddaert) (Arumanduba, Rio Maecuru, Rio Jamundá)
Nemosia pileata (Bodd.)
Nemosia pileata pileata (Boddaert)
Thlypopsis amazonum Scl.
Thlypopsis sordida chrysopsis (Sclater & Salvini)²⁶⁶
Cypsnagra ruficollis pallidigula Hellm.
Cypsnagra hirundinacea pallidigula Hellmayr
Arremon silens (Bodd.)
Arremon taciturnus taciturnus (Hermann)

(²⁶⁴) Estranho à Amazônia brasileira, em cuja porção mais ocidental ocorre todavia uma boa raça, *T. s. saturatus* Pinto (= *T. s. uropygialis* Gyldenstolpe).

(²⁶⁵) Raça da Guiana Francesa, com distribuição para o sul até a margem septentrional do baixo Amazonas (Obidos). Cf. Griscom & Greenway, 1941, op. cit., p. 331.

(²⁶⁶) Segundo Hellmayr (Catal. Bds. Americas, IX, p. 388, nota 2) *Thlypopsis amazonum* Sclater, 1886, é mero sinônimo (= juv.) de *Nemosia chrysopsis* Scl. & Salvin, 1880.

Arremon flavirostris Sw.*Arremon flavirostris flavirostris* Swainson ²⁶⁷**Schistochlamys atra** (Gm.)*Schistochlamys melanopis melanopis* (Latham)**Lamprospiza melanoleuca** (Vieill.)**Cissopis leveriana** (Gm.)*Cissopis leveriana leveriana* (Gmelin)**Saltator maximus** (Müll.)*Saltator maximus maximus* (P. L. S. Müller)**Saltator azarae** D'Orb.*Saltator coerulescens azarae* D'Orbigny**Saltator mutus** Scl.*Saltator coerulescens mutus* Sclater**Pitylus grossus** (L.)*Pitylus grossus grossus* (Linnaeus)**Pitylus erythromelas** (Gm.)*Peryporphyrus erythromelas* (Gmelin)**Pitylus canadensis** (L.)*Caryothraustes canadensis canadensis* (Linnaeus)**Pitylus humeralis** (Lawr.)*Caryothraustes humeralis* (Lawrence)

Família PROCNIATIDAE (= TERSINIDAE)

* **Procnias coerulea** (Vieill.)*Tersina viridis occidentalis* (Sclater) ²⁶⁸* **Procnias coerulea occidentalis** Scl.*Tersina viridis occidentalis* (Sclater)

Família COEREBIDAE

Dacnis cayana (L.)*Dacnis cayana cayana* (Linn.)**Dacnis angelica** Bp.*Dacnis lineata lineata* Bonaparte

(²⁶⁷) Forma do Brasil centro-meridional cuja ocorrência na Amazônia é assás problemática.

(²⁶⁸) A forma típica de *Tersina viridis* (Illig.) pertence ao Brasil oriental (pátria típica Rio de Janeiro, proposta por Pinto, Catal. Av. Bras., 2.^o pte., p. 444, nota 6).

- * **Dacnis flaviventer** Lafr. & D'Orb.
Dacnis analis Lafr. & D'Orb.
Conirostrum speciosum amazonum (Hellmayr)²⁶⁹
Dacnis speciosa (Wied)
Conirostrum speciosum speciosum Wied
Dacnis bicolor (Vieill.)
Conirostrum bicolor bicolor (Vieillot) (Arumanduba, ilhas de Marajó, Mexiana e Aquiqui)
Conirostrum bicolor minor (Hellmayr)
Chlorophanes spiza (L.)
Chlorophanes spiza spiza (Linn.)
* **Cyanerpes cyaneus** (L.)
Cyanerpes cyaneus cyaneus (Linn.)
* **Cyanerpes caeruleus** (L.)
Cyanerpes caeruleus caeruleus (Linn.)
* **Cyanerpes caeruleus cherriei** Berl. & Hartert
* **Cyanerpes nitidus** Hartl.
Coereba chloropyga (Cab.)
Coereba flaveola chloropyga (Cabanis) (Anindeua, Quatipuru, Prata, Rio Tocantins, Rio Xingu, Rio Tapajós, Rio Jamanchim)
Coereba flaveola minima (Bonaparte) Marajó Mexiana, Maracá, Rio Jari, Monte Alegre, Rio Jamundá)

Família HIRUNDINIDAE

- Cotyle riparia** (L.)
Riparia riparia riparia (Linn.)
Tachycineta albiventer (Bodd.)
Iridoprocne albiventer albiventer (Bodd.)
Hirundo erythrogaster Bodd.
Hirundo rustica erythrogaster Boddaert.
Atticora fasciata (Gmelin)
Atticora melanoleuca (Wied)
Atticora cyanoleuca (Vieill.)
Pygochelidon cyanoleuca cyanoleuca (Vieillot)

(²⁶⁹) Revertem ao gênero *Conirostrum* Lafr. & D'Orb. as formas geralmente colocadas em *Ateleodacnis* Cassin. Cf. J. T. Zimmer, Am. Mus. Novit., N.º 1193, p. 11).

Progne subis (L.)*Progne subis subis* (Linn.)**Progne chalybea** (Gm.)*Progne chalybea chalybea* (Gmelin)**Progne tapera** (L.)*Phaeoprogne tapera tapera* (Linn.)**Stelgidopteryx ruficollis** (Vieill.)*Stelgidopteryx ruficollis ruficollis* (Vieillot)

Família MOTACILLIDAE

Anthus lutescens Puch.*Anthus lutescens lutescens* Pucheran

Família VIREONIDAE

Vireo flavoviridis (Cass.)*Vireo virescens flavoviridis* (Cassin)²⁷⁰**Vireo chivi** (Vieill.)*Vireo chivi chivi* (Vieillot) (provavelmente toda as localidades, menos o Rio Purus)²⁷¹*Vireo chivi solimonensis* Todd (Rio Purus)**Vireo calidris** (L.)*Vireo calidris barbatula* (Cabanis)**Pachysylvia pectoralis** (Scl.)*Hylophilus pectoralis* (Sclater)**Pachysylvia semicinerea** (Scl. & Salv.)*Hylophilus semicinereus semicinereus* (Sclater & Salvin) (Pará, Mocajatuba, Providência, Anindeua, Benevides, Maguari, rio Guamá, Tocantins, Iriri e Tapajós)*Hylophilus semicinereus viridiceps* (Todd) (Rio Jari, Óbidos, Rio Jamundá)**Pachysylvia muscipapina** Scl. & Salv.*Hylophilus muscipapinus muscipapinus* (Sclater & Salvin)**Pachysylvia muscipapina griseifrons** Snethlage*Hylophilus muscipapinus griseifrons* (Snethlage)

(²⁷⁰) Aparentemente estranho à Amazônia brasileira.

(²⁷¹) Só o exame direto permitiria a exata determinação dos espécimes mencionados no Catálogo, dado os hábitos migratórios das diferentes raças da espécie, das quais, nada menos de três, ocorreriam na região do Rio Tapajós, segundo Griscom & Greenway (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 307-8).

- Pachysylvia hypoxantha** (Pelz.)
Hylophilus hypoxanthus Pelzeln²⁷²
- Pachysylvia rubrifrons** (Scl. & Salv)
Hylophilus rubrifrons rubrifrons Sclater & Salvin
- Pachysylvia rubrifrons lutescens** Sneathlage²⁷³
Hylophilus rubrifrons lutescens (Sneathlage)
- Pachysylvia luteifrons** (Scl.)
Hylophilus luteifrons Sclater
- Pachysylvia ferrugineifrons** (Scl.)
Hylophilus ochraceiceps ferrugineifrons Sclater
- Pachysylvia** spec. nov.
Hylophilus brunneiceps inornatus Sneathlage
- Vireolanius**²⁷⁴ **leucotis** (Swains.)
Smaragdolanus leucotis leucotis (Swainson)
- Vireolanius leucotis simplex** Berl.
Smaragdolanus leucotis simplex (Berlepsch)
- Cyclarhis**²⁷⁵ **gujanensis** (Gm.)
Cyclarhis gujanensis gujanensis (Gmelin)
- * **Cyclarhis cearensis** (Baird)
Cyclarhis gujanensis cearensis (Baird)²⁷⁶

Família MNIOTILTIDAE
(= COMPSOTHTLYPIDAE)²⁷⁷

- * **Dendroica aestiva** (Gm.)
Dendroica aestiva aestiva (Gmelin)
- * **Dendroica striata** (Forst.)
Dendroica breviunguis (Spix)
- Oporornis agilis** (Wils.)

(272) De acordo com as conclusões de J. T. Zimmer (Amer. Mus. Novit., N.º 1160, pp. 2-4), a forma típica da espécie está no Brasil circunscrita à região do alto Rio Negro (Rio Uaupés, etc.). As populações do baixo Amazonas (Rio Tapajós, Rio Xingu) correspondem a *H. h. albigula* Chapman, ao passo que as da Amazônia ocidental (Rio Juruá, ? Rio Solimões) pertencem, segundo Gyldestolpe (Bds. Rio Juruá, p. 251) a *H. h. flaviventris* Caban.

(273) Vide o "Apendice" (pág. 499) do "Catálogo" de Sneathlage.

(274) Erigido em família sob o nome *Vireolaniidae*.

(275) Hoje encabeça a família *Cyclarhidae*.

(276) Não há prova de que esta raça nordestina ocorra em algum ponto da área geográfica abrangida pelo "Catálogo" de Sneathlage.

(277) Como *Parulidae* (de *Parula* Spix) em alguns autores modernos.

Geothlypis aequinoctialis (Gm.)*Geothlypis aequinoctialis aequinoctialis* (Gmelin)**Granatellus pelzelni** Scl.*Granatellus pelzelni pelzelni* Sclater**Granatellus pelzelni paraensis** Rothsch.* **Basileuterus mesoleucus** Scl.*Basileuterus rivularis mesoleucus* Sclater**Basileuterus uropygialis** Scl.*Basileuterus fulvicauda fulvicauda* (Spix)**Basileuterus semicervinus** Scl.*Basileuterus fulvicauda semicervinus* Sclater ²⁷⁸Família PARIDAE (= SYLVIIDAE) ²⁷⁹**Polioptila livida** (Gm.)*Polioptila plumbea plumbea* (Gmelin)**Polioptila parvirostris** Sharpe*Polioptila plumbea parvirostris* Sharpe ²⁸⁰

Família TROGLODYTIDAE

Heleodytes hypostictus (Gould)*Heleodytes turdinus hypostictus* (Gould)**Heleodytes variegatus** (Gm.)*Heleodytes turdinus turdinus* (Wied) ²⁸¹**Odontorhynchus cinereus** Pelz.*Odontorchilus cinereus* (Pelzeln)**Microcerculus cinctus** (Pelz.)*Dichrozona cincta* (Pelzeln) ²⁸²**Microcerculus bicolor** (Des Murs)*Microcerculus marginatus marginatus* (Sclater)* **Leucolepis musica** (Bodd.)*Leucolepis arada faroensis* Zimmer & Phelps ²⁸³

(²⁷⁸) Estranho à Amazônia brasileira.

(²⁷⁹) *Paridae* (de *Parus* Linn.) é família holártica, estranha à América meridional.

(²⁸⁰) Raça peruana, estranha à Amazônia brasileira.

(²⁸¹) Forma peculiar ao Brasil oriental, alheia à Amazônia.

(²⁸²) Esta espécie já se acha inventariada no "Catálogo" à página 293, entre os *Formicariidae*.

(²⁸³) *Leucolepis arada faroensis* Zimmer & Phelps, 1946, Amer. Mus. Novit., N.º 1312, p. 19: Faro (Rio Jamundá). Com a separação desta nova raça, a área de *L. arada* Hermann ficou restrita às Guianas e, talvez, zona adjacente do Brasil.

- * **Leucolepis modulatrix** (D'Orb.)
Leucolepis modulatrix modulatrix (D'Orbigny)²⁸⁴
- * **Leucolepis modulatrix rufogularis** (Des Murs)
- * **Leucolepis salvini** (Sharpe)²⁸⁵
Leucolepis modulatrix salvini (Sharpe)
- * **Leucolepis griseolateralis** (Ridg.)
Leucolepis modulatrix griseolateralis (Ridg.)
- Thryothorus genibarbis** Sw.
Thryothorus genibarbis genibarbis Swainson
- * **Thryothorus genibarbis juruanus** Ihering
- Thryothorus herberti** Ridg.
Thryothorus coraya herberti Ridgway
- Thryothorus coraya** (Gm.)
Thryothorus coraya coraya (Gmelin)
- Thryothorus amazonicus** Sharpe
Thryothorus coraya amazonicus Sharpe²⁸⁶
- Thryothorus griseipectus** Sharpe
Thryothorus coraya griseipectus Sharpe
- Thryophilus albipectus** (Cab.)
Thryothorus leucotis tentiopterus Ridgway²⁸⁷
- Thryophilus rufiventris** Scl.
Thryothorus leucotis peruanus (Hellmayr)
- Troglodytes musculus clarus** Berl. & Hart.

Família MIMIDAE

- Mimus saturninus** (Licht.)
Mimus saturninus saturninus (Lichtenstein)
- Donacobius atricapillus** (L.)
Donacobius atricapillus atricapillus (Linn.)

(²⁸⁴) Segundo a lição dos autores, a forma típica desta espécie, que para alguns autores é inseparável de *L. arada* Herm., ocorre apenas na região oriental da Bolívia (Auracares, etc.), sendo substituída na Amazônia por diversas raças geográficas.

(²⁸⁵) Não há prova suficiente de que ocorra na Amazônia brasileira esta forma este-equatoriana (cf. Pinto, Catal. Av. Bras., 2.^a pte., p. 352, nota 2).

(²⁸⁶) Raça este-peruana, aparentemente estranha ao Brasil.

(²⁸⁷) Segundo Griscom & Greenway, em harmonia com J. Cl. Todd, as populações baixo-amazônicas de *T. leucotis* Lafresn. merecem ser tratadas como raça diferente de *T. l. albipectus* Caban., própria à Guiana Francesa.

Família TURDIDAE

Turdus phaeopygus Cab.

Turdus phaeopygus coloratus Todd²⁸⁸

Turdus gymnophthalmus Cab.

Turdus nudigenis gymnophthalmus Cabanis

Turdus ignobilis debilis Hellmayr²⁸⁹

Turdus amaurochalinus Cab.²⁹⁰

Turdus albiventer Spix

Turdus leucomela albiventer Spix (Providência, Apeú, Sta. Isabel, Quatipuru, Tamucuri, Rio Tapajós, Marajó)

Turdus leucomelas ephippialis Sclater (Amapá, Monte Alegre, Rio Jamundá)

Turdus fumigatus Licht.

Turdus fumigatus fumigatus Lichtenstein

Turdus hauxwelli Lawr.

Turdus fumigatus hauxwelli Lawrence

Hylocichla fuscescens (Steph.)

Hylocichla fuscescens fuscescens (Stephens)

Hylocichla aliciae (Baird)

Hylocichla minima aliciae (Baird)²⁹¹

Hylocichla ustulata swainsoni (Cab.)

(²⁸⁸) Na margem septentrional do baixo Amazonas vive outra raça, *Turdus phaeopygus poiteani* Bonaparte.

(²⁸⁹) As populações da margem direita do baixo Amazonas (Rio Tapajós, etc.) têm-se como raça diversa, sob *T. ignobilis extimus* Todd.

(²⁹⁰) A inclusão desta espécie este-brasileira na região abrangida pelo "Catálogo" abre margem a dúvida.

(²⁹¹) Não há notícia autêntica de que esta forma norte-americana visite a Amazônia brasileira.